

BASILIO RODRIGUES

A PINTURA DE S. BRÁZ

Comédia cômica, ~~satírica~~

Assunto verdadeiro ocorrido com personagens de Vilar Seco
Vimioso, Cercio de Miranda do Douro e outros

FIGURANTES

Naturais de Vilar Seco

O pintor Basilio Rodrigues
Maria dos reis, mulher do pintor
Naturais de cercio

Mateus dos anjos
Maria Valentina, mãe de Mateus dos anjos

Mateus Gonçalo
João de Alfredo
Lázaro Freixo
Firmino Lobo
Antonio Freixo
Manuel Jose Sapateiro
Glória Ribeira
Manuel Calejo

Espanhóis residentes em Cercio

Antonio Branco, taberneiro
Mathea, taberneira mulher de Antonio branco
De Miranda do Douro
Manuel Furriel (administrador de Miranda

Fantasiados

Fala só, Bobo ou ~~faixaxá~~ gracioso
O diabo ou Belzebu
Representado em tabelado de quarenta metros de cumprido
ao ar livre em Vilar Seco, Vimioso a 10 de Fevereiro de 1928

17

-A PINTURA DE SÃO BRÁS

Formados a duas filas entram os figurantes ao tabolado
fazem o giro habitual ~~xxxxxx~~ cortejam e recolhem cada um
no seu lugar

Aparece e fala só a declamar o prologo e diz

fala só e diz

Olá! tanta gente a minanha beira!

Correu tudo com cobiça!

Por ser Domingo gordo q

Quereis tirar-me a chouriça?

Tira uma grande chouriça do bolso mostra ao publico e diz

Anda bem arrecadada !...

Se me a viereis tirar eu sinto

Para não ficar ~~xxxxxx~~ talvez sem ela

Vou mas é prende-la ao cinto

Prende-a e continua

Agora já não há perigo

Está o petisco arrecadado

E eu estou em condições

Para dar o meu recado

Se vos pois quereis ouvir

Com apetite e satisfação

Eu vou já principiar

Prestai-me a vossa tenção

Como a converssa é comprida

Que isto leva um bocado

Com licença meus senhores

Deixem-me primeiro beber um trago

Bebe e continua

Agora já mulhei a boca

Refresquei o paladar

Vou dar-vos um prévio anuncio

Do que vamos representar

Neste povo de Vilar Seco

Temos nos um tal pintor

É o autor desta obra

De que eu sou recitador

Trabalhava em Cercio há dois anos

Onde tem trabalhado tanto

E disse um dia a uns fulanos

Que eram mordomos de um santo

Deveis pintar o São Braz

Está com grande necessidade

Tem a cabeça como um botelo

Falando bem a verdade

Assim se juntou o peêsoal

Todo unido em boa graça

Trataram de pintar o santo ~~xxxxxx~~

E fazer-lhe uma vidraça

Por quinhentos e cinquenta mil ^{re}

Foi contratado o serviço todo

O pintor pegou no santo

Levou-o para casa logo

Meteu então o santo em obra

Ficou lindo! mesmo pimpão

Aprontou santo e vidraça

Para a páscoa de Ressureição

Dia de sexta feira santa

O pintor uma carta escrevia

Mandou-a por Gloria Ribeira

O santo marchava outro dia

Cumpriu a sua palavra

Por isso o santo, a vidraça eo

resto

Dia de sábado aleluia ~~xxxxxx~~

Entrou na igreja de Cercio

Depois de colocada a obra

Aguardaram o dia inteiro

O pintor e mais a mulher

Para receber o dinheiro

Não apareceram mordomos

Nem devotos nem beatões

Andariam a cumprir a penitencia

Ou a rezar as orações

Como era fim de quaresma

Só isso deveria ser

Mas quem pagou as consequencias

Foi o pintor e mais a mulher

Nem dinheiro nem mordomos

Ali não apareceu nada

E o pintor e a mulher

ficaram lá aquela noitada

A mulher veio embora
Dia de Páscoa muito cedo
Mas o pintor ficou lá
A cumprir o seu degredo

Os mordomos haveriam-se perdido
Ou a terra os tinha tragado
Ali não apareceu ninguém
Desde que chegou o santo pintado

Então o pintor muito zangado
Por lhe pregarem aquele mono
Pedi ao Manuel Calejo
Para lhe indicar o mordomo

Bateram a porta de Mateus dos anjos
Para ver se largava a massa
Apareceu a bisca da mão
E atendeu os com pouca graça
O mateus não aparece
Nem alguém conta que o vira
Trataram então de busca-lo
Na quinta de Val de Mira

Apareceu Alipio Pimpão
Homem de contas mui fiéis
Também tinha restos do santo
Ao tudo cincuenta milreis

Apresentou logo o dinheiro
Moço por deus abençoado
Deus lhe de muita saúde
E o faça bem afortunado

Em Val de mira não acharam
O tal mordomeiro Mateus
Mas por onde é que andará
Que será dele? meu deus

Voltaram os dois para Cercio
Com o coração mui aflito
E lá encontraram o tal amigo
Agarrado a jogar o fito

Chega-se a ele manuel Calejo
Chamando-o a parde primeiro
Mas o figurão descarado
Recusa-se a dar o dinheiro

Mas Manuel calejo é homem
Que se sabe apresentar
Deu-lhe ali quatro palavras
E fez-lhe a casaca virar

Por fim promete da-lo
Fica o caso combinado
Para o dia tres de Maio
Ter o dinheiro arranjado

O Mateus mostra juízo
E promete a sua palavra
Dizendo que antes desse dia
Poria em venda uma cabra

O pintor saiu embora
Com boas disposições
Mas pouco lhe roubariam
Se lhe apaercessem os ladrões

O mateus ficou descontente
Apreenssivo e arreliado
Porem á noite sobre um canto
No escuro apareceu-lhe o diabo

Diz-lhe que nunha venda a cabra
Que nunca pague o pintor
Olhai o anjo das trevas
Quanto é enganador

O Mateus reconfortado
Com a léria do tal fadista
Dá a palavra ao diabo ~~xxxxx~~exp
De não pagar ao artista

Meus senhores peço desculpa
Agradeço vossa atenção
E a segunda parte da obar
Darei logo satisfação

Vou guardar a chouriça
Que estou a desconfiar
Tanta gente a olhar para ela
Bem certo ma podem palmar

Corteja e recolhe-se
Aparece o pintor no tasco jun
to dele Mateus dos anjos
Lázaro freixo firminolobo
e Antonio Freixo e diz o
PINTOR

Ora graças a deus
Encontrei-vos amigos meus
Uma vez aqui reunidos
No goso dos nossos sentidos
Pois ainda é pouca a vinhaça
Não leveis isto em chalaça
mas atendei caros amigos

Tendes na igrejo o são Bráz
O santo da mocidade
Mas falando quanto é verdade
Não está em condições

Tem muito fracas feições
E uma cabeça ! valha-me deus
Sem nisso ofender os ceus
Nem ao respeito ao santo faltar
uma cabeça de alguidar
Que está mesmo a meter medo

A mulher veio embora
Dia de Páscoa muito cedo
Mas o pintor ficou lá
A cumprir o seu degredo

Os mordomos haveriam-se perdido
Ou a terra os tinha tragado
Ali não apareceu ninguém
Desde que chegou o santo pintado

Então o pintor muito zangado
Por lhe pregarem aquele mono
Pediu ao Manuel Calejo
Para lhe indicar o mordomo

Bateram a porta de Mateus dos anjos
Para ver se largava a massa
Apareceu a bisca da mãe
E atendeu os com pouca graça

O mateus não aparece
Nem alguém conta que o vira
Trataram então de busca-lo
Na quinta de Val de Mira

Apareceu Alipio Pimpão
Homem de contas mui fiéis
Tambem tinha restos do santo
Ao tudo cincuenta milreis

Apresentou logo o dinheiro
Moço por deus abençoado
Deus lhe de muita saúde
E o faça bem afortunado

Em Val de mira não acharam
O tal mordomeiro Mateus
Mas por onde é que andará
Que será dele? meu deus

Voltaram os dois para Cercio
Com o coração mui aflito
E lá encontraram o tal amigo
Agarrado a jogar o fito

Chega-se a ele manuel Calejo
Chamando-o a parde primeiro
Mas o figurão descarado
Recusa-se a dar o dinheiro

Mas Manuel calejo é homem
Que se sabe apresentar
Deu-lhe ali quatro palavras
E fez-lhe a casaca virar

Por fim promete da-lo
Fica o caso combinado
Para o dia tres de Maio
Ter o dinheiro arranjado

O Mateus mostra juízo
E promete a sua palavra
Dizendo que antes desse dia
Poria em venda uma cabra

O pintor saiu embora
Com boas disposições
Mas pouco lhe roubariam
Se lhe apaercessem os ladrões

O mateus ficou descontente
Apreenssivo e arreliado
Porem á noite sobre um canto
No escuro apareceu-lhe o diabo

Diz-lhe que nunha venda a cabra
Que nunca pague o pintor
Olhai o anjo das trevas
Quanto é enganador

O Mateus reconfortado
Com a léria do tal fadista
Dá a palavra ao diabo ~~xxxxx~~exp
De não pagar ao artista

Meus senhores peço desculpa
Agradeço vossa atenção
E a segunda parte da obar
Darei logo satisfação

Vou guardar a chouriça
Que estou a descomfiar
Tanta gente a olhar para ela
Bem certo ma podem palmar

Corteja e recolhe-se
Aparece o pintor no tasco jun
to dele Mateus dos anjos
Lázaro freixo firminolobo
e Antonio Freixo e diz o
PINTOR

Ora graças a deus
Encontrei-vos amigos meus
Uma vez aqui reunidos
No goso dos nossos sentidos
Pois ainda é pouca a vinhaça
Não leveis isto em chalaça
mas atendei caros amigos

Tendes na igrejo o são Bráz
O santo da mocidade
Mas falando quanto é verdade
Não está em condições

Tem muito fracas feições
E uma cabeça ! valha-me deus
Sem nisso ofender os ceus
Nem ao respeito ao santo faltar
uma cabeça de alguidar
Que está mesmo a meter medo

Tervo-lo ia dito mais cedo
Mas só agora calhou a geito

Olhai lá?

A esse respeito, estamos agora aqui juntos
E quem sabe?

Se amanhã seremos defuntos
Podieis tratar do concerto

Eu.. não puxo para mim é certo
Mas sempre tive propensão
Que viesse a minha mão
O dinheiro dos santinhos
Conhecem a minha opinião
E confranqueza.. e com razão
Ja que vos tendes dinheiro
Isto sem mostra de inveja
Ponde-o lá onde se veja

Quem vos fala quere-vos tanto
Mandai-me lá pintar o santo
Tenho gosto que isto se faça
Fazer-lhe tambem uma vidraça

E de Cercio da nobre cidade
Ficaria bem na vezdade
Mais luzente que Berlim
Conven-vos a vós e amim

Esse santo tão festejado
No dia tres de Fevereiro
Dará eco ao mundo inteiro
E dos moços desta terra
dirão todos lá por fora
isto é que é gente de guerra!

Olhai!

Isto é desenganar
Nada há que sobre por
Porque vos ficareis muito bem
E ~~xxxx~~ eu ainda ficarei muito melhor

Toda a gente de bom tom
Certo diz que sim que gosta
E por isso eu então
Espero a vossa resposta

Diz Antonio Freixo
Dinheiro ainda deve haver
Mas esta por várias mãos
Firmino Lobo
Mas não custa nada ajuntar
Porque está em rapazes são

Quando não dissei-me ca'
Todo o que tem sido mordomo
Ou que está sendo mordomeiro
Ainda nenhum passou
Pela alcunha de caluteiro

LATEUS DOS ANJOS

Que alguém como alguma coisa
Não vos deve parecer mal

Ninguem é galego alugado
Cá no nosso Portugal

Quando não olhai o ditado
Que diziam nossos avós
Em vez de comerem-lo os padres
Melhor é roermo-lo nós

Mas isto é de brincadeira
Porque em vos bem o sabeis
O que está na minha mão
Não quero ficar com cinco reis

Se resolveis pintar o santo
Eu nada dele cobiço
O dinheiro que me sobejou
Dou-o para esse serviço

LÁZARO FREIXO

Então juntaremos-nos todos
E reunidos é que se trata
Quere-se que a obra fique boa
E sobre tudo.. que seja barata

PINTOR

Pois então é melhor
Eu no domingo venho cá
E se ha-de ser mais tarde
É melhor que seja já

Condoei-vos do são Bráz
Que mesmo no ceu coitado
No meio dos outros santos
Deve andar envergonhado

TABERNEIRO

Pus se lo habeis de dar a otro
Senõr Basilia já esta aqui
Trabaja como nunca vi
Entonces que estais aguardar

Tratai ya de lo ajustar
E no resgateis lo dinero
Estamos por fim de ebrero
E sin mas ontra discursion

Que lo traga mjo e pronto
En la pascoa de ressareicion

PINTOR

Bebela pinga e vamos lá
Não esquecais pois o assunto
Que eu domingo volto cá
Quero ver o pessoal junto

ANTONIO FREIXO

Pois então é para domingo
Ai pelo meio dia

Juntar-nos emos os rapazes
Na igreja ou na sacristia

Adeus que haja saude
Que amam muito me apraz

Viva a nobre rapaziada
E a pintura de são Braz

Apertam-se a mão e saem
Aparece e fala sé

Não ouviram a conversa
Do nosso pintor sagraz
Tantas voltinhas lhe deu
Que vai pintar o são Braz

A ninguém deve parecer mal
E eu dou-lhe os parabens
Pois todos andamos no mundo
Para ganhar os seis vintens

Chega o pintor aparece no
tasco e ~~é~~ encontra-se com
Antonio Freixo e diz o pintor

Bons dias senhor freixo
Como vai do outor dia
ANTONIO FREIXO

Muito bem e vossa senhoria
PINTOR

Eu tenho andado mal
Para nada me sinto capaz
E se não fosse o são bráz
Digo-lhe isto muito formal
Não viria hoje cá
Nem por todo o portugal

ANTONIO FREIXO
Pois não é isso nada bom
PINTOR
Tambem eu digo que não
Mas vamos ao resta então

Onde está o pessoal?

ANTONIO FREIXO
Estaram aí por esse vale
onde lhe chamamos as eiras

Andam jogando ferro e fito
E outros dizendo asneiras

Para o taberneiro diz o
PINTOR

Ó senhor Antonio branco
Bote uma pinga para cá

Para o freixo
Para que não haja demora
Bebemo-la e vamos já

Bebem e saem encontram-se
com Lazaro Freixo Firmino
Lobo e outros mais

Caminham todos para a igreja
cumprimentando-se deste modo
PINTOR
Bons dias senhores lobo e freixo
Como estão ? passaram bem?

FIRMINO LOBO
Perfeitamente e o senhor tambem?
PINTOR
Ando um pouco achacado
Mas vou indo obrigado

LAZARO FR IXO
Então vamos ao são Bráz
Que lhe parece senhor pintor
PINTOR

~~Via~~ Vamos se fazem favor
Uma vez que estou aqui
Proveitarei a ocasião
Logo que ~~estiverem~~ vos o quer
eis pronto

Na páscoa da ressurreição
FIRMINO LOBO

Então vamos caminhando
São bráz queira que assim seja
Os de mais já prá aí vem
Juntamo-nos todos na igreja
Entram na igreja fazem o sinal
da cruz e diz ca fora o Fala só
Ó que grande devotos ~~estão~~ q
São os "uatro mocetões
Vão passar a cima do ceu
Com tão largas devoções
Levantam-se chegam junto do
santo e diz o PINTOR

Louvado sejais são Bráz
Mal sabes quanto eu te quero
Para que me livres a garganta
dos ossos de algum botelo

Vejam lá meus amigos
Se é como eu lhes havia dito
Está mesmo numa miséria
O glorioso santo bendito
É preciso muito trabalho
Para o por em condições

De poder fazes milagres
De ouvir vossas orações

Tem uma grande cabeça
Não está em proporção
Vede pois se tenho razão
E vos mesmos me haveis de dar
Tem muito que desbastar
Pois a mitra e a cabeça
Nem que a vos vos não pareça
Dá lenha para mais de um mês

E aproveitando os cavacos miudos

Chegaria até para tres

Precisa nova bengala
Um Báculo bem lavrado
Na volta bem ornamentado
Como ungido do senhor
A pintura deve ser a primor
Nas cores que o hábito pede
Por isso meus amigos vede
Quanto trabalho dá
Só o santo sem a vidraça
E se vos quereis que ela se faça
Tem de ser a correspondencia
Fica em frente da credencia
Onde a luz da muito bem
Tem de ser bonita tambem
Caixilhos de boa madeira
Que não seja obra de feira

Vidros de boa qualidade
E caros que estão na verdade
Uma pintura enriquecida
Com dourados a capricho
Uma obra de criar bicho
E fazer morder de inveja
A todo e qualquer que a veja
Nas condições que atrás disse
E que todos mui bem sabeis

Junto a vidraça e mais o santo
Tudo por sete centos mil reis
Aproximam-se mais alguns interessados
E diz Firmino Lopes
Não demos isse lá chegar
Por tudo isso poderíamos dar
Ainda que isso é bem puxado
Olhai vos outros que dizeis?
Por quatro centos e cinquenta mil reis
PINTOR
Não senhor ! isso é pouco ..
Mas olhai!

Não quero que digais sabei
Que eu tenho palavra de rei
São seiscentos e cinquenta
Sabeis que tudo se sustenta
Cada qual daquilo que faz
E por tanto meus amigos
Não posso vir mais atrás

LÁZARO FREIXO

Ainda estamos muito longe
E nos não podemos dar mais
Mas se vos comigo concordais
E por isso não vos zangais
Damos-lhe quinhentos mil reis
Tudo pronto no altar
Em condições de o venerar

FIRMINO LOBO

Falta ca Mateus dos anjos
Que tambem tem algum dinheiro

LÁZARO FREIXO

Anda com outros arranjos
Foi com as vacas para o lameiro
Ate a noite não vem
Está lá a namorada tambem
Mas por esse não há novidade
Porque já falou a verdade
E disse que dava o dinheiro
E ele não é caloteiro
E ainda de mais a mais
Eu e ele somos iguais
Mordemos ambos de um ano
Confio no tal fulano
Vamos o ajuste tratar
Que o dinheiro que ele tem
De certo não ha-de faltar
PINTOR

pois olhai quinhentos mil reis
Bem vedes que é pouco dinheiro
Se quereis um trabalho porreiro
Que se possa apresentar
Dareis seiscentos mil reis
Eu mais não posso mais

ANTONIO FREIXO

Pois eu vou fazer o terço
Atenção rapazes de Cercio
Não me leveis isto a mal
Olhai lá?
O que eu digo val?
O senhor pintor ha-de entrar
Pelo terço que eu vou fazer

PINTOR

Entro sim se me convier

ANTONIO FREIXO

Convem sim senhor eu seio

Vou partir a conta ao meio

Toda a gente muito atento
São quinhentos e cinquenta
Falei ou não com razão
Senhor pintor

Dê cá a sua mão

Que a obra fique boa

E tudo quanto eu reparo

Serviço pronto dinheiro á frente

Os rapazes solteiros são gente

Não é o andor de santo amaro

PINTOR

Não desfaço da sua palavra

Por ajudar-lhe a sua devoção

Mas vamos lá ver então

Já que a sua palavra val

Quem é que me dá o sinal

FIRMINO LOBO

Darei eu cem mil reis

Já não fico tão carregado

Depois de largar os papeis

Ficarei mais descansado

Da-lhe uma nota de cem escudos
Depois de receber diz-lhe o pintor

Pois bem venha cá o santo
Que o levo já comigo
Ho! glorioso santo amigo
São Bráz do meu coração
Lá para o dia de pascoa
Vais ficar um pimpão

Embrulha o santo num pano
mete-o num saco e leva-o debaixo do braço Chegue-se a ele pode entrar
saem todos da igreja e diz o

PINTOR

Fiquem certos meus senhores
Que aí pelo domingo de ramos
Eu e são Bráz aportamos
Portanto digo-vos adeus
Respeitaveis amigos meus
Ficai na paz do senhor
A cainho de Vilar Seco
Lá vai o santo e o pintor
Separa-se deles levando o santo

toca a musica Fala Só dança pelo tabuado Ó senhora gloria ribeira
no final diz Fala Só

São Braz e mais o pintor
São amantes da maroteira
Lá foram dar um passeio
A volta da penha mingueira
Passaram pela formiga
Pela quinta de cordeiro
E pelo caminho inteiro
Nunca lhe doeu a barriga

Isto é que é uma cantiga
São Braz como um anjo do ceu
Lida-se bem com o pintor
Tambem assim faria eu
Tirou-lhe de madeira quatro arrobas
Da cara da mitra e da testa

E vestiu-lhe roupa nova
Que pimpão para o dia de festa
Abre o pintor a casa onde se ve
Pronto o são bráz aparece
Gloria Ribeira e diz para o pintor
e mais a mulher

GLORIA RIBEIRA

Bons dias senhor pintor
E senhora Maria dos reis
MARIA DOS REIS
Bons dias senhora gloria
Por cá hoje que fazeis
GLORIA RIBEIRA
Viemos passear um bocado
Dar por ca quatro sentenças
Como é dia de endoenças
Tambem fizeos o confessado
Estava-mos eu e minha irmã
Com a senhora Bovineira
E eu disse-lhe desta maneira
Logo cedo de manhã

Aguardai por mim um pouco
Não me deixeis para traz
Que eu não quero ir embora
Sem ir ver o são braz

PINTOR

Sim senhor fico-lhe muito obriga
o santo ja está pintado
Pronto a por no altar
E aquele que alem vé

MARIA DOS REIS

Entre senhora gloria
Ha-de ver que lindo santo
Levou voltas á memoria
Mas ficou que é um encanto
GLORIA RIBEIRA
Sim senhor esta bonito
Lindo que é um primor
Tem ainda mais enfeitos
Que um pauliteiro dançador

PINTOR

se nos fizesse um favor
GLORIA RIBEIRA
Faço sim senhor

se não for muito pesado

PINTOR

So era levar um recado
Por escrito para a sua terra
Para os mordomos de são Bráz
Animada tropa de guerra
Diga-lhe desta maneira
Está pronta a obra toda
São Bráz e mais a vidraça
A banqueta e nossa senhora
Amanhã la vai o trabalho
E quero ver ali a gente
Eu confio bastante neles
É um pessoal excelente

MARIA DOS REIS

Sabe o que senhora gloria
O recado mais verdadeiro
Embora eles não apareçam
Que tenham pronto o dinheiro

PINTOR

Tem juizo mulher
O dinheiro certo está
GLORIA RIBEIRA
Lá por isso não desconfiem
Que o dinheiro roda por lá
O recado eu lho darei
Um recado assim a farta
Embora eu não me esqueça
Deixe-me ver para ca a carta

Dando-lha pintor
Ai tem senhora Gloria
Oferecemos-lhe de comer

Gloria Ribeira

Obrigado!

Confessei-me logo cedo
E não quero o Jejum perder
MARIA DOS REIS
Pois então boa viagem
Ate amanhã senhora Gloria

GLORIA RIBEIRA

Adeus senhora Maria
Levo o recado na memoria
Separam-se e diz fala Só

O santo lá vai para a terra
O serviço pronto esta
Mas para fazer as contas?
Ai Jesus! como será?
Coitado do nosso pintor
Tão pobre como são Francisco
Passou a quaresma toda
Como diz, a trabalhar para o bispo

Olé, !

Dinheiro? ^{isso} de grilo!

Ai meu pobre pintor coitado...

Melhor gejuaria na quaresma
Se passa ao menos deitado
Toca a musica
aparece o pintor ea mulher e diz
MARIA DOS REIS
São horas de ir-mos embora
Que temos muito que andar
A besta está aparelhada
E o tempo esta a passar

PINTOR

Há ja muito que eu estou pronto
E os santos há muito tempo
Aguardando só que viesse
Tu com esse penssamento
MARIA DOS REIS
Vamos botar com os alforges
Tem conta com o São Bráz
Não passe algum desarranjo
Que tenha de voltar atrás
Carregam dois alforges
monta a m lher a cavalo
e diz o pintor

Não te ponhas a mexer
Aguarda não vás embora
Chega-te ao cabo da albarda
Para levar na frente a senhora
MARIA DOS REIS

Não me arranjo com a tenda
Que tudo me calha mal
Bota ca então a senhora
Mas leva de redea o animal

O pintor carrega um saco ~~maxxxxxx~~
na frente pega na vidraça ao ombro
o animal a redea caminhando ~~ai~~
o PINTOR

Ó Maria !

Parecemos uns ciganos
É um quadro bem bonito
Quem nos vir com esta troxa
Penssa que vamos para o igitpo
MARIA DOS REIS
Eu acavalo na egua
Tu a frente ai ao pé
Eu pareço nossa senhora
Tu pareces são José
Mas olha!
Falta uma coisa
Sabes o que é?
É o menino
Se me tens lembrado em casa
Teria trazido o Herminio
Chegam ao tasco de Cercio apeia-se
Maria dos reis descarregando o saco
e diz o PINTOR
Ó senhor antonio Branco
Abra a porã se faz favor
Aparecendo a taberneira
Señr Basilio que há lhedado
Yha benido mui templano
Como por alla todos biem?

PINTOR

Todos bem e por cá?
O resto da Familia

TABERNEIRA

Todos mui bien graças
La senhora Maria tambien está buena
MARIA DOS REIS
Mui bem e voce mecã?

TABERNEIRA

Mui bien gracias
Ya traem el São Bráz?

PINTOR

O São brás e os demais
Que isto não é de brincadeira
Oficio de taberneira
É melhor do que a pintura
Ai! quem me dera ser cura
Que é oficio mais descansado

TABERNEIRA

Esso lo ei yo penssado
Mas nó passo de mirar-lo
Bibiendo com mucho trabajo
Antonio ayer ha dicho carajo
Que bida esta tan mala
Aquellos que andam de bengala
Bien limpios e regalados
Com los bicios bien olgados
Nose recordam de los de más
Mesmo aqui es um descarro
No pagam ni um cigarro
Que son mismo unos caloteros
Estos mochachos solteros
E los padres lo mismo dá
Y señor Basilio hoy tanpoco

No llevara dinero de cá

PINTOR

Não me dê esses anuncios
Que eu preciso bem de massa
Por isso esse consolo ~~me~~
Não me o dê nem por chalaça

TABERNEIRA

Pues esso lo digo yo
E cierto le ba passar

Porque el dinero de São Braz
Ainda esta por coronâr

PINTOR

Não nos meta tanto medo
Não nos fale desse modo
Vamos levar os santos a igreja
Adeus patroa até logo
Pegam no santo e vidraça e
levam tudo á igreja colocando
o trabalho no seu lugar
saem e diz o pintor para a sua mulher

PINTOR

O serviço está pronto
Mas a maça quando vem?
Mal rais parta os mordomos
Bem pouca vergonha tem
Não aparece aqui ninguem
E os mordomos são tantos
Fazem pouco todos dos santos
Andam todos a trabalhã
E outros fugindo da gente ...
Isto não vai de repente
Sabes o que me está a lembrar
A barriga já da horas
Vamos saber do jantar

MARIA DOS REIS

Eu tambem tenho appetite
Mas ainda queria primeiro
Ficar-mos já prontos disto
Receber-mos antes o dinheiro

PINTOR

Pois olha
Andam no ~~trabalho~~ trabalho
Até a noite há que aguardar
E depois quando eles venham
Trataremos de nos chegar

MARIA DOS REIS

Eu queria ir para casa
Que ficou a familia só

PINTOR

Bem me lembro eu dos pequenos
Tenho deles bastante dó
Mas que lhe havemos de fazer?
Anda que vamos a noite
Depois de receber o dinheiro
Eles á noite devem da-lo
Julgo o caso mais verdadeiro

Vão para o tasco onde encontram
o taberneiro e diz-lhe o pintor
Boa tarde senhor Antonio?
TABERNEIRO

Adios Señor Basilio

E mas la senhora Maria
Entonces no quierem comer?
E ba a llamar-los todavia
MARIA DOS REIS

Pois então aqui nos tem
Findou a nossa manobra
Falta-nos receber o dinheiro
Porque já concluímos a obra
ANTONIO BRANCO

El dinero ?..

Era buena?

Esso tambiem queria yó
Pero lo dinero de san Bráz
Inda nó se fabricó
Lo digo yó es verdád
Esso lo puede ostédcrer

Quando no, vamos a ver
Alcabo osted lo dirá

Saben que mas?

Bamos a comer

E a despues se vera

Como la quenta ba a ser

Entram para dentro recolhem-se e diz
FALA SO

Óla gente da festa?

Que vos parece agora desta ?

Coitado do nosso pintor

Esta agora foi a pior

O São Braz ja esta pintado
Mas o dinheiro ninguem o dá
Nem as duas nem as tres
Sabeis o que era melhor
Despinta-lo outra vez

Olhai!..

Se em todas as obras

For assim afortunado

Pouco tempo vai durar

E ha-de morrer bem delgado

Toca a musica

Á porta da taberna aparece o pintor

e a mulher e diz o pintor

Estamos mal com esta vida

O dinheiro niguem o dá

Um desculpa-se com outro

E debalde aguardamos por cá

Hoje já não vamos embora

Por força temos de cá dormir

Só amanhã por oito horas

E que poderemos de cá sair

MARIA DOS REIS

Valha-me deus que vida

Por causa destes trapaceiros

Não digo que sejam caloteiros

Mas pouco lhe pode faltar

Se não tratam de nos pagar

Eu mostro-lhes a cara das festas

PINTOR

Ai sim!

Aquem?

Ora uma destas!

MARIA DOS REIS

Aquem ?

A esses escariotas

PINTOR

Pois sim !

Tu ves por cá ~~axiagum~~ algum

Todos nos fogem á legua

Como os lobos dos archotes

Ja falei ao Antonio Freixo

Disse-me que ele não tem nada

Cinquenta mil reis que tinha

Que os entregou ao camarada

Tu de noite não vais embora

E eu denho de ca ficar

Para ver se os posso juntar

Amanhã ao ir a missa

Não perderei a cobiça

E o dinheiro hão-de larga-lo

Tu logo cedo pões-te a cavalo

Vais para casa e eu fico

Não entontro outro bico

O que nos resta é ficar

E como isto já é tarde

Sabes o que ?

Vamo-nos deitar

É o melhor caminho Maria

Descansa dessas aflições

Deixa-te de imaginações

Que amanhã é outro dia

MARIA DOS REIS

eu não durmo nem descanso

Tudo em mim são dembranças

Pensando nas duas crianças

Que deixa-mos la em casa

Tenho o peito numa brasa

Por causa desses desalmados

Que deveriam ser castigados

Se fosse de vingança o ceu

Porque eles tem tanta religião

Como dinheiro tenho eu

Estou ardendo em chamas

Estou capaz de me matar

Dormir sei que não durmo

Mas enfim .. vamo-nos deitar

Recolhem-se e diz Fala só

São Braz

Aonde estas ?

Olha que passas por cá

O cofre do teu dinheiro

Por onde é que andará

Quem o agarrou ~~am~~

Não mais o largou

E quem lhe custou a ganhar

Não é capaz de lhe cobrar

O nosso pintor

É o que está pior

Pôs-te pimpão

Mas morde-lhe o cão

E o teu mordomeiro, não larga dinheiro

La do ceu soberano

ño santo sobre humano

Olho ca para nós

~~OYBa~~ este martirio atró s

Condoi-te do nosso pintor

Que tambem é filho de Eva

Neto de nosso senhor

Lembra-te qu e te pintou

E tão ~~haxixfixissu~~ lindo te deixou

Olha! São Braz bendito

Se soubesses como anda aflito

Por não receber os dinheiros

Converte os teus mordomeiros

Que não sejam caloteiros

Que sejam bons pagadores

Bem sabes que os pintores

Podem ser honrrados e nobres

Mas todos eles são pobres

Para viver honestamente

Do seu trabalho decente

Para viverem com alegria

Precisam de receber

O pão nosso de cada dia

Meus senhores!

Povo nobre e honrrado

Isto verdades são

E ca ao nosso Fala Só

Saiem-lhe do coração

Recolhe-se e aparece o pintor a porta do

tasco e diz

PINTOR

Ó maria põe-te a pé

Que esta o dia a raiar

Desce lá para a cosinha

Que vais tratar de almoçar

Aparecendo Maria dos reis

Por mim não seja a falta

Já ha muito que estou a pé

Então se vou almoçar

Que tal o almoço é

PINTOR

Apenas dois ovos estrelados

E um bife de carneiro

Come breve epoe-te andar

Que a besta está no palheiro

Eu vou tratar da vida

Haver se recebo o dinheiro

Ela recolhe-se e o pintor segue pelo

Tabuado fora encontra-se com Manuel c

Calejo e diz o pintor

Meu caro amigo Calejo

Se soubesses como me vejo

Toca-me por cá cada sopa

Nem no nosso tempo de tropa

Vejo-me cá em tais trabalhos
Ó Calejo estes cercios
São uns bandalhos

MANUEL CALEJO

Então Basilio que te passa?
Socedeu-te alguma desgraça?
Para andares tão zangado
PINTOR
Ando doudo e desesperado
Olha!
Ajustei a pintar o São Braz
Ao ajuste que sei eu quantos fomos
Nesse dia todos eram mordomos

Digo-te a boa Fé
Olha se reparas bem
Hoje ninguém o é

Hoje não é ninguém
Eu preciso dessas migalhas
Mas estão em mãos de uns canalhas
Que voltam a cara a gente
Ando triste e descontente
Não esperava esta bofetada
Julguei sempre esta gente honrrada
Mas hoje meu caro calejo
Sabes qual é o meu desejo?
Escuta lá amigo meu
Desta me tomara eu livre
Que doutra .. me livrarei eu
MANUEL CALEJO
Não te zangues caro amigo
Espera que eu te digo
Os mordomos sei eu quem são
Vamos ver onde estão
Um é o Mateus dos anjos
Que anda lá com seus arranjos
Cada qual gira em seu eixo

Outro é o Lázaro Freixo
Pois não conheces o meu conhado?
São dos bons rapazes do povo
Tam bem é o Firmino lobo
Que foi quem te deu o sinal
Não te apures por quanto val
O santo e mais o dinheiro
Todo aquele que for mordomeiro
Ha-de dar o que tiver
mas tu tens que te entreter
E passar por cá o dia
Hoje é dia de páscoa
Dia de borgia e alegria

PINTOR

Para mim é dia de tristeza
Digo-te com toda a certeza
Que ando maies que arreliado
Por me ver aqui demorado

Sogeito quem não tem pressa
Isto faz-me doer a cabeça
Que nem posso erguer a frente
Minha mãe ficou doente

Alimentando apenas esperanças
Que iríamos tratar das crianças
Pelo menos ao anoitecer
Ve-la se é ou não sofrer
Se é preciso um fulano ser forte
Para caminhar por cá sem norte
Como quem vagueia no escuro
Tacteando um fraco presente
E antevendo um mau futuro
Reflete caro amigo
E pensa o que eu te digo

Os meus pequeninos filhinhos
Entregues somente aos vizinhos
minha mãe

Minha mãe que so tem no mundo o meu
amparo

Velá tu , faz nisto reparo

Faltou-lhe ele ficou deserdada
A pobre velha ficou ~~deserdada~~ abandonada

Julgar-se há num abismo profundo
Que é o unico pensamento
De quem se vê so no mundo
Vê-la

Que triste situação
Um homem

Ao abandono como um cão
Onde uns lhe voltam as costas
E outros lhe negam a razão
Sai de minha casa

A procura do sustento
Para os ente caros que la deixei
E ando por aqui errante sem alento
Desanimado da vida que nem sei
Vê lá

Se é ou não ingratidão
Presteí o meu serviço a estes fulanos
E escudem-se de mim
Cobardes desomanos

Almas sem vida
Coppos sem coração

MANUEL CALEJO

Vamos lá Basilio amigo
Vem ca dai comigo
Deixa-te dessa cantiga
Vamos tratar da barriga
Não te estejas apoquentar
Vamos para minha casa
A comer do meu foliar
Depois iremos os dois
Os fulanos procurar

PINTOR

PINTOR

Agradeço meu caro manuel
Mas não posso aceitar
Já mandei fazer de almoço
Mas se prometes de ir comigo
Aceito sim meu amigo
Ofereço-te do meu almoço
Anda daí vamos os dois

MANUEL CALEJO

Não posso tenho de ir até casa
Almoça e pergunta-me depois

PINTOR

Não te esqueças do meu rogo

MANUEL CALEJO

Não esqueço

Adeus até logo

Separaram-se o pintor vai para o tasco senhor !

O calejo para a ponta do tabulado MANUEL CALEJO
onde se recolhe

FALA SÓ

Diz um adágio antigo
Quem busca santos encontra deus
Mas isso não vai a vigor
Senão repara o nosso pintor
Em altos gritos brada os ceus
A vozes pede dinheiro
Mas sem se descobrir primeiro
A mina que ha-de dar
Metal que ha-de cunhar
O dinheiro de são Braz
Para diante e para traz
Gastara as suas solas
Mas não ha-de receber
Para comprar umas castanholas

Toca a musica

Sai o pintor da taberna
encontra-se com Manuel calejo
e diz

MANUEL CALEJO

Já vinha a tua procura
Vamos lá a saçar dos rapazes
Aestas horas são capazes
De estar em arrecado

Por isso primeiro que tudo
Vamos buscar meu cunhado

PINTOR

Teu conhado não tem dinheiro

Está em mão do camarada

Com teu conhado não é nada

Tudo é com o companheiro

Mas ainda xixi o não fi

Nem sua morada sei

Foi por isso que aceitei

Ser acompanhado por ti

MANUEL CALEJO

Pois vamos então a casa
Do tal Mateus dos anjos
Não sei estes marmanjos

Por onde podem andar

Se ele não lá não estiver

Trataremos de o boscar

Chegam a casa de mateus dos anjos ediz
manuel Calejo batendo nas mãos

Ó de casa abram a porta

Ó amigo Mateus

Os teus ouvidos e os meus
Não foram feitos para ouvir

mais alto

Quem está cá

Ninguém responde

Berrando

Ó patroa da casa

De dentro MARIA VALENTINA

Caramba

Voce tem ouvidos de ferrador

Aparecendo Maria Valentina

Ai, Jesus

Eu estava na adaga

Trás um bucaro mediado na mão direita
e um copo na mão esquerda bebe e

continua limpa a boca a manga

Uma pinga é bem que se beba

Hoje é dia de fular

E a sagrada ressurreção

Muito se deve festejar

Vos que quereis amigos meus ?

MANUEL CALEJO

Queria-mos falar ao mateus

MARIA VALENTINA

Pois olhai não está aqui

Desde cedo que não o vi

MANUEL CALEJO

Pois olhe

Está aqui este sugeito

Coitado bem contrafeito

Bem farto de passear

Para diante e para traz

E sem nada adiantar

É o Pintor de São Braz

Queriamos falar ao mateus

Que tambem foi mordomeiro

Que tambem tem algum dinheiro

E é preciso fazer as contas

MARIA VALENTINA

Valha-vos deus cabeças tontas

Podeis tirar isso da mente

Porque o caso é mui diferente

Olhai!

O dinheiro do santo gastou-se

Agora não o tem não o dá

Acabou-se

Portanto olhai!

É melhor não o pedir

Ao menos ivitai de o ouvir

Ele anda meio arreliado

E se voces lhe falam nisseo

Manda-os logo para o diabo

MANUEL CALEJO

Pois olhe senhora Maria

Se ele procede desses modos

Bem gostaria de ser sempre

Mordomo dos santos todos

MARIA VALENTINA

Sabes o quê Calejo

Lerias não adubam sopas

O Mateus quer o dinheiro ~~para comprar umas opas~~

Para comprar umas opas

PINTOR

Voce é que vestiu boa opa

Uma saia bem rodada

Se nós vamos feitos na fita

Levamos boa talhada

Sabes o que é Manuel Calejo

MANUEL CALEJO Vamos embora

PINTOR

Manda a mulher para o diabo

Vamos saber do tal Mateus

Ou isto é obra do diabo

Ou são os pecados meus

MANUEL CALEJO

Nem no baile nem nos jogos

Não se encontra o ~~tal~~ amigo

O que muito me admira

Ou está com alguma femia

Ou foi para Val de mira

Que o havemos de encontrar

Vão para Val de mira encontram-se

Alipio Pimpão e diz

MANUEL CALEJO

Olha lá ó Pimpão

Não viste por aí o Mateus

ALIPIO PIMPÃO

Em val de mira não está

MANUEL CALEJO

Que seria dele meu deus

Alipiopimpão

Que lhe querieis ao rapaz

MANUEL CALEJO

Queríamos que ele larga-se

O dinheiro que ele deve ao são Braz

Alipio pimpão

Pois olhai

Tambem eu tenho um resto

Posso da-lo se o quereis

É o que me sobejou da festa

São só cincuenta mil reis

É pouco mas é o que tenho

Não sou a mais obrigado

Em saindo da minha mão

Ja fico desencarregado

Recebendo os cincuenta mil reas
diz o pintor

Sim senhor

Fico-lhe muito obrigado

É assim que deve fazer ~~todo o homem honrrado~~

Todo o homem honrrado

ALIPIO PIMPÃO

Eu bem lho pagaria todo

Se estivesse na minha mão

Dou portanto o que tenho

É a minha obrigação

MANUEL CALEJO

Nos voltamos para tráz

O Mateus não está cá

Valha-nos deus e são Braz

Por onde é que andará

Voltam-se e separam-se do Alipipo

pimpão e diz o pintor

Senhor Alipio Pimpão

Fico-lhe muito obrigado

Para aquilo que ~~sa~~ poder

Tem-me sempre ao seu mandado

ALIPIO PIMPÃO

Ora essa?

Não tem nada que agradecer

Odinhero é do santo

Eu não o podia cmer

PINTOR

É homem de boas contas

Não o digo por estar presente

Mas o senhor não é daqueles

Que voltam a cara a gente

Adeus senhor Pimpão

Fico em tudo ao seu dispor

ALIPIO PIMPÃO

Tambem ao mesmo me ofereço

Adeus senhor pintor

Separam-se e diz Manuel Calejo

Olha está ali o mateus

Bem nos custou a encontrar

Anda no jogo do fito

Aguarda que o vou chamar

O pintor fica o calejo avança chega

ao Mateus e diz Manuel Calejo

Boa tarde amigo Mateus

Mal sabes os trabalhos meus

Que tenho por causa de ti

MATEUS DOS ANJOS

Então eu no que te ofendi

MANUEL CALEJO

Amim não me ofendeste nada

Mas tenho andado na pingada

Todo odia a procurar-te

Está ali o pintor a procurar-te

Que precisa de dinheiro

MATEUS DOS ANJOS

De dinheiro ? qual dinheiro ?

MANUEL CALEJO

O dinheiro de são Braz

Bem vês que já o pintou
 E bem bonito que o deixou
 MATEUS DOS ANJOS
 Eu não o mandei pintar
 Não tenho nada que pagar
 Nem istou disso encarragado
 Bem sabes que diz o ditado
 Quem te mandou pagar frade?
 Quem te mandou que te pague

Eu não estive ao ajuste
 Nem para isso fui chamado
 MANUEL CALEJO
 Chamou-te sim meu gunhado!
 Mas estavas fora não vinhas
 Andavas por essas cortinhas
 Piscando fazendo figas
 Namorando as raparigas
 Foste com as vacas para o lameiro
 De retouço o dia inteiro
 Estando tu já combinado
 Para o serviço ser tratado.

A gente contava ~~xxxxxx~~ contigo
 Como quem espera um amigo
 Não vieste foi combinado
 Como estava ali meu cunhado
 Foi o ajuste tratado
 Por quem estava presente
 E ficou assim assente
 O dinheiro é do santo
 Não é seu;

Foi o povo que o deu
 Portanto a obra que se faça
 O Mateus ha-de dar a maça
 Ele é um rapaz verdadeiro
 E não anda por caloteiro
 MATEUS DOS ANJOS
 Eu agora não tenho dinheiro
 Nem o peço emprestado
 A tira-lo a juro também não vou
 Manda o pintor para o diabo
 MANUEL CALEJO

Pois por não teres dinheiro
 Não defes esconder a cara
 Que um boi prende-se pela asta
 E um homem pela palavra
 MATEUS DOS ANJOS

Pois o dinheiro eu lho darei
 Mas agora não tenho nada
 MANUEL CALEJO

Pois dissemos logo isso
 Não escondesses essa cara
 Anda cá daí comigo
 Chega a qui faz favor
 Bem daí faz favor
 Combina tu e o pintor
 E cumpre a palavra depois

Vão os dois para junto do pintor e diz
 MANUEL CALEJO
 Ora até que enfim Basilio
 Ca esta o mordomeiro

Mas diz que não tem dinheiro
 PINTOR

Ora essa ?

E só por esse motivo
 Andava o homem escondido
 Pois por isso que se apresente
 Que não volte a cara a gente
 MATEUS DOS ANJOS

Eu não andava escondido
 ? Quem é que o tinha dito?
 Eu andava a jogar o fito
 PINTOR

O senhor Mateus dos anjos
 Todo o dia a procuro-lo
 Sem ser possível encontra-lo
 Veja lá?

Eu fiquei ontem cá
 Para receber o dinheiro
 Gastei hoje o dia inteiro
 E já noite ea carteira
 Não me rebenta a aljibeira
 Isso assim não se faz
 Que é ofender o São Bráz
 Pode castiga-lo Nosso senhor
 E também lhe não gosta o pintor
 Nem que a voce lhe não pareça
 Ponha a carapuça na sua cabeça
 Proceda como homem sem ronha
 Tenha dia reis de vergonha
 MATEUS DOS ANJOS

Pois eu não o tenho acabou-se
 Foi-se embora gastou-se
 Quando meu pai morreu
 Devia mais de cinco contos
 Pois cosendo uns e outros
 Tudo se virou em prontos
 Eu era um rapaz novo
 Mas era firme como um muro
 De todo esse dinheiro
 Nunca paguei nenhum juro
 Ainda assim me conservo
 E assim quero acabar
 Até aqui não o paguei
 Também o não quero pagar
 PINTOR

É bem bonita doutrina
 Revela muito juízo
 E o mestre que a ensina
 Vai passar do paraíso
 Que belo calão selvagem
 Ca destas terras rurais
 Querem a deus para si
 E o diabo para os de mais
 Olhe lá?

Se não tem dinheiro hoje
 Diga só quando é que o dá
 Ficamos certos em um dia
 Em lhe dando cumprimentos
 Findou a nossa porfia

Eu quando receber o dinheiro
 É que ficarei descansado
 E o devedor ficará
 Ao tempo limpo e honrrado
 MATEUS DOS ANJOS
 Eu só posso arranja-lo
 Lá para o fim do mês
 PINTOR

Sim senhor serve bem
 Seja para o dia tres
 Mas veja lá não se esqueça
 É dia de santa cruz
 Tenha o dia na memoria
 Depois da senhora da luz
 MATEUS DOS ANJOS
 Eu o dinheiro bem o arranjo
 Quero vender uma cabra
 Por duzentos e cincuenta mil reis
 Pego ao comprador na palavra
 PINTOR

Então ficamos certos
 Pode ir tratando da cabra
 Que eu dia tres venho cá
 Quero ver se tem palavra
 MATEUS DOS ANJOS
 Pode ir descansado
 Que eu não falto ao prometido
 PINTOR

Pois a deus senhor Mateus
 Tenha isso no sentido
 Seguem para o tasco o pintor
 e o calajo e diz o pintor
 Meu caro amigo calejo
 Quanto trabalho tens tido
 Todo o dia a andar comigo
 A busca destes trapaceiros
 Ja são uzeiros e vezeiros
 Nem eu me devo admirar
 Creio bem que no dia tres
 Ainda me não ha-de pagar
 MANUEL CALEJO

Paga que tem boas contas
 E quando paga adiantado
 É tido por bom pagador
 Não fica desacreditado
 PINTOR

Vamos beber uns copos ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
 Que tenho a garganta seca
 Estes labregos da breca
 Dão-me cabo dos miolos
 Ainda me venho a virar tolo
 DIZ PARA O taberneiro
 Ó senhor Antonio Branco
 Deixe ver uma pinga mais
 O taberneiro lança o vinho e diz

TABERNEIRO
 Entonces las cuentas de são Braz
 PINTOR
 As contas de são braz?

Inda ficam para tras

TABERNEIRO

Poes no lo habia dicho yo
 Que esso estava tardio?
 Ai senhor Basilio amigo
 Que bida los dos traemos
 A hosted no lo pagam los santos
 E a mi los quartilhos menos

MANUEL CALEJO

Já o recebe no dia tres
 Não é lá o prazo tamanho
 TABERNEIRA
 Nel dia tres ? e de que mês
 Si lo recibira de hoy a um año
 PINTOR

Desculpa amigo Calejo
 Vou me embora para casa
 Por ver se espalho estas paixões
 MANUEL CALEJO

Tem la conta pelo caminho
 Não te saiam os ladrões

PINTOR

Não me estejas a chatiar
 Não me maças mais a testa
 Não me faças quesiliar
 Que algum dia será de festa
 A deus meu caro calejo

Adeus ate o dia tres

Adeus senhora patroa

Senhor Antonio até outra vez

Taberneiros em coro

Adios que haija salude

Parte o pintor para vilar seco

FALA SÔ

Bem me custa a deter

Por tanta marroteira ver

Ver o pobre pintor coitado

Dia e noite enconodado

Para receber o seu dinheiro

E ir-se embora para casa

Teso como um pinheiro

Olhai lá que vos parece?

Aquele que a razão conhece

E tem esperanças nos ceus

Pensara que os caloteiros

Podem ter perdão de deus?

Sabeis do que eu sponho

Doe caloteiros de são braz

É que logo depois de morte

Serão entregues a satanás

Aparece o diabo a um extremo do tabul
 lado e diz Fala só ~~Si-lo que ja ai ve~~

Fala so fuge espavorido ~~XXXXXXXXXXXX~~
 ficando a espreita no
 extremo do tabulado enquanto o diabo

O diabo busca a mateus dos anjos
 que encontra no meio do tabulado e
 diz-lhe o DIABO

Ola amigo Mateus

Há muito que te procurava?

Movido pela razão ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

De ter dô da tua cabra

De certo me não conheces

Mas olha que sou teu amigo

Ei-de sempre proteger-te

Enquanto tu fores vivo

Tu disto guarda segredo

Que te peço por favor

Ouvi-te dizer há bocado

Quando falavas com o pintor

Que querias vender a cabra!

Nunca mais soltes essa palavra

Enquanto eu e tu for-mos vivos

Ha-de a cabra criar chibos

E tu bom amigo Mateus

Atenta bem nos modos meus

Que te falo com amor!

Manda para o diabo o pintor

Que o leve belzebu

E o dinheiro de são Bras

Comio mas é tu

Repara que te digo bem

Falo-te como ninguém

Ve lá sera verdade?

Discorro ou não com razão

Anda fala diz a tua opinião

JS;A. Eu digo que falas bem

E amigo como tu

Ainda não encontrei ninguém

Falas-me mesmo ao coração

Segundo a minha opinião

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

~~XXXXXXXX~~

mas para te poder conhecer

Queria o teu nome saber

Recuando o Diabo

Ho o meu nome..

Eu sei lá

Chamo-me Felizbello

Um nome lindo é verdade

Não vais por certo rete-lo

Sou principe num grande reino

Profundo escuro e bem quente

Onde é feliz toda a gente

E tu tambem o has-de ser

Se quizeres obedecer

Mas guarda isto de cor

Nunca pagues ao pintor

Cumprirás a tua palavra

Olha não vendas a cabra

Fecha os olhos tapa os ouvidos

Não ouças pintores não ouças pedidos

Anda pois dai cmigo

Vamos os dois passear

Temos muito que conversar

Que eu sempre serei teu amigo

O diabo toma-o pelo braço

e receochem-se os dois

Fala só que esteve ao cabo do tabuado
escutando e fazendo trageitos diz

FALA SO

Ja se foi o tal fulano

Tinha léria de cigano

Com modos de cidadão

E andava bem pimpão

Bota preta sem igual

Parecia um general

Trunfa cornada cadeia na mão

E que lindo cinto trazio

Era mesmo um figurão

Fim da primeira parte

toca a musica

SEGUNDA PARTE

Aparece Fala so proclamanda a segun

da parte do prologo

FALA SO

Povo honrrado e mui seletto

Em resumo vos venho anunciar

A segunda parte da obra

Que se esta a representar

Nodia tres de maio

De mil novecentos e vinte seis

Foi o nosso pintor a cercio

Para receber quatro centos milrems

Como tinha sido combinado

Julgava que recebia

Mas não recebeu um centavo

Passando por lá noite e dia

Não lhe poude sacar nada

Aos tais moços da bofanda

Por isso mandou pagar-lhe

Ao senhor guerra de miranda

O que restava combinou

Aguardar-lhe ao fim do verão

Mandou lá nesse tempo a mulher

Um disse-lhe logo que não

Foi o tal Mateus dos anjos

O tal quise negou o dinheiro

Desculpe chamar-lhe pelo nome

Que é um grande caloteiro

Voltou a mulher para casa

Da sua vida desconsolada

Quando encontravam o caloteiro

Não lhe podiam sacar nada

Em Novembro do ano findo

Foram a Cercio trabalhar

O pintor e a mulher

Trataram logo de o avistar

Dinheiro nem um centavo

Saia com mil trapalhadas

Que queria vender uma vaca

La para a feira de malhadas

Mas isto era só léria

Esquecia-se do santinho

E o pintor pediu-lhe á conta

Que lhe desse uma carga de vinho

Nem vinho nem aguardente

Nem cousa alguma de trincar

Pouco servia apura-lo
 Se não tinha intenção de pagar
 Então o pintor mui aflito
 Nunca alguém tanto se veja
 Que lhe havia de lembrar
 Tira-lhe o santo da igreja
 O pintor levou o santo
 Sem intenção de lho roubar
 Foi para obrigar desse modo
 O caloteiro a pagar
 Mas aquelas almas danadas
 Sem vergonha nem poder
 Em vez de pagar o santo
 Vão dar parte do pintor
 Quando iam no vilarinho
 Em frente dos arcos do cano
 Eis que lhe sai o diabo
 Maligno tentador desomano
 Chegam a miranda dão parte
 Com perverso furor raivoso
 Em seguida é o pintor chamado
 A Administração de Vimioso
 É ouvido fala a verdade
 Como a sua consciencia manda
 E passados dias apresenta-se
 Na administração de Miranda
 Mas o senhor administrador
 Com probidade e competencia
 Manda ir ali os queixosos
 Chamados com toda a urgencia
 Na presença dos queixosos
 É interrogado o pintor
 E ouvido com atenção
 Pelo senhor administrador
 Logo que ele compreendeu
 Quem é que tinha a razão
 Manda por ali o santo
 Sem nenhuma detenção
 E manda por ali o dinheiro
 No praso de dois dias
 Por isso marcham para cercio
 Ambos cheios de agonias
 Obrigam Mateus dos anjos
 A apresentar o dinheiro
 Juntando-se para obrigar
 Em Cercio o povo inteiro
 Mal que ele largou o dinheiro
 Correu pelo povo o eco
 E partem logo dois fulanos
 Buscar o santo a vilar seco
 Era meia noite em ponto
 Não se sentia algum rumor
 Quando batem os tais moços
 À porta do nosso pintor
 Levantou-se o pintor da cama
 Foi ver se conhecia as fardas
 E viu então dois fulanos
 Sobre uns burros sem albardas
 Entraram, pagaram o santo
 Não ficaram devendo nada

Apresentam-se com ele em Cercio
 Às duas horas da madrugada
 Findou o meu razoado
 Desculpem as palavras más
 E peçotambem desculpa
 Ao benedito e glorioso são bras
 Por isso vos peço licença
 Que me vou já retirar
 Prestai a vossa atenção
 Que a obra vai continuar
 Corteja e recolhe-se
 Aparece o pintor encontrando-se com
 Manuel calejo e diz o PINTOR
 Graças a deus Manuel calejo
 Sou feliz porque te vejo
 Os olhos mos guarde santa luzia
 E m mesmo ati até ao fim da vida
 MANUEL CALEJO
 Como vais tens saude?
 PINTOR
 Saude mais que o diabo...
 Dinheiro nem um centavo
 MANUEL CALEJO
 Então zangas-te por esse motivo
 PINTOR
 E se te parece meu caro amigo
 Andar um homem sempre debaixo de um pero
 Sempre a gemer e sempre teso
 MANUEL CALEJO
 Então ainda as contas de são brás
 PINTOR
 Deixa-me
 Que as leve satanáz
 MANUEL CALEJO
 Então o Mateus ainda não pagou
 PINTOR
 Nem pagou nem pagará
 Nem o diabo o quer já lá
 MANULE CALEJO
 Então que resposta te deu
 PINTOR
 Ai! deixa-me pelo ceu
 Ainda não fui capaz de o ver
 Como sabe que estou cá
 De certo de pôs a mexer
 Não teme a deus nem ama a Jesus
 Senão de certo se lembrava
 Do dia de santa crus
 Olha calejo amigo franco
 Vim de manhã fazer um trabalho
 Ao nosso amigo Antonio Franco
 Pois olha,
 Nem ele nem os mais vi
 Graças a deus que te encontrei ati
 Que és o balssamo das aflições
 Que de resto ó calejo;
 Isto são uns maganões
 Eu ja nem o dinheiro espero
 So quero contigo desabafar

Porque esse grande safado
Só pensa em me intrujar
Deixa-o lá com um raio
Que se farte de dinheiro
Que roia as tripas do santo
E que ponha as dele de fumeiro
MANUEL CALEJO

Ve lá!
Não fales desses modos
Olho que o ~~tal mateus~~
Ainda não é mau de todo
Vamos lá falar com ele
E alguma coisa ha-de dizer
Tambem com a nossa visita
Bem pouco pode perder
Olha!
Ai vem ele se me não engano
Ó mateus dos anjos
MATEUS DOS ANJOS
Para o pintor manuel calejo
Não te disse que era o fulano
Para o mateus
Vem cá ó amigo Mateus
Os teus trabalhos e os meus
Trazem-nos atrelados
Maldito azar dos nossos pecados
Olha lá?

Não ves ali o pintor
Deus me valha Jesus
Hoje é dia de santa cruz
Não te lembras ó Mateus
Que ha algum tempo atras
Prometeste de pagar hoje
A pintura de são bras
MATEUS DOS ANJOS
Pois lembro sim senhor
Mas não tenho hoje dinheiro
Que aguarde mais o pintor

PINTOR
Ó senhor Mateus dos anjos
É essaa sua palavra
Não se lembra que prometeu
Que ia vender uma cabra
MATEUS DOS ANJOS
Queria vender a cabra
Mas a cabra não se vendeu
E agora por esse motivo
Não me faço em dinheiro eu

PINTOR
Veja lá homem
Que estamos nós a maçar
Diga ao menos de uma vez
Não pago não quero pagar
MATEUS DOS ANJOS
É que eu quero pagar
PINTOR

Ai sim, quer pagar?
Mas quando?

MATEUS DOS ANJOS
Quando tiver dinheiro na carteira

PINTOR

Pois sim,
O pobre pintor que aguarde
Nem que seja a vida inteira
Eu preciso do dinheiro
Agora nesta ocasião
Já sabia que tinha de o dar
Não quer; diga logo que não
No seu serviço gastei o meu tempo
Gastei os meus materiais
E agora para paga-los
Precisa dos meus cabedais
Comprei os vidros em Miranda
Aqui junto da sua terra
Estou-os ainda devendo
Quero paga-los ao senhor guerra
Se você quer ficar nisso
Podemos assim combinar
Deia-lhe duzentos mil reis
Mas não pode muito tardar
E os outros cinquenta mil reis
Veja se eu sou formal ou não
Os outros cinquenta mil reis
Espero-lhe até o fim de verão
MATEUS DOS ANJOS
Pois então eu fico nissen
Pode-se ir descansado
Que dentro de pouco tempo
Será esse dinheiro pago
PINTOR
Veja lá no que se mete
MATEUS DOS ANJOS
Vá embora, que Mateus dos anjos
Nunca falta ao que promete
PINTOR
Então adeus, não pode faltar
MATEUS DOS ANJOS
Vá descansado
Não se ha-de queixar
Separam-se)á porta diz mateus dos
anjos
Se outro não comeres
Antes destes receberes
Pouco vais engordar
Cedo has-de morrer
Para o calejo PINTOR
Adeus ó calejo amigo
Eu já teria emlouquecido
Se tu não andasses comigo
Vou-me embora que é ja tarde
Por tudo amigo Calejo deus te guarde
Adeus!
Desculpa por tanto te maçar
Como sempre ao teu dispôr
Para tudo o que eu prestar
MANUEL CALEJO
Basilio amigo adeus
Nada dens que agradecer
Ate um dia se deus quiser

Separaram-se o pintor vai para o tasco
 onde lhe diz ANTONIO BRANCO
 Señor Basilio ha demorado
 Bien carregado de dinero
 My parece que no tray mucho
 Que ha entrado mui momero

PINTOR

Eu não sei que diga a isto
 A tão longa penitencia
 Em cercio não há dinheiro
 Ou acabou-se a consciencia
 TABERNEIRA
 Entonces lo san braz
 Ainda no se lo an pagado
 PINTOR

No no me lo an pagado
 Somente me trazem empalhado
 Mas olhe que esta brincadeira
 De em andarem a empalhar
 Por certo não dura sempre
 Nem bom resultado bem dar
 ANTONIO BRANCO

El dinero si se lo dá
 Que no es mal pagador

PINTOR

Ja mo devia ter dado
 Sem lhe ficar em favor
 Depois de o haver ganhado
 Adeus que me vou embora
 TABERNEIRA

Non no se baia a esta hora

PINTOR

Vou sim senhor, adeus
 Não findam os trabalhos meus
 Adeus ate outro dia

TABERNEIRA

Pus bueno adios
 Recuerdos a la senhora Maria

PINTOR

Farei presente, obrigado
 Parte o pintor para Vilar seco
 FALA SO

Ha muito que o nosso pintor
 La por cercio trabalhava
 E naquele povo confiava
 Era gente de por ai alem
 Que pagava muito bem
 Se não era no seu dia
 Era quando o devedor podia
 Mas agora o tam Mateus
 Ja me não está a cheirar bem
 Porque e muito trapaceiro
 Mas sem direito de autor
 A ordem do nosso pintor
 Quero colocar-lhe nas costas
 O nome de caloteiro
 Chega-se Mateus dos Aljos e
 FalaSo coloca-le com dois ganchos
 Uma placa de quarenta centimetros
 Com o nome em grandes letras
 CALOTEIRO

Mateus dos anjos que enquanto
 lhe é colocado a placacilha ao lon
 go do tabuado de perfil ao publico
 corteja pede licença meus senhores
 Com licença e volta as costas
 ao publico por forma que todos vem
 novamente volta-se corteja e volta
 se e recolhe-se

Chega o pintor a casa e diz
 para a mulher Ó Maria

Abre-me a porta

Que venho cheio de aflições

MARIA DOS REIS

Então que desastre te passou

Sairam-te talvez os ladrões?

PINTOR

Qual ladrões nem que diabo

Se eu não recebi um ecntavo

Olha Maria

Põe atenção ao que te digo

Que falo sem reticen çia

Em Cercio não há dinheiro

Ou acabou-se a consciencia

Para te dizer a verdade

Não recebi lá um pataco

Já teria morto de arrelia

Se precisa-se de comprar tabaco

Voltamos ao tempo antigo

O tempo de troças na terra

Duzentos mil reis de são brás

Mandei da-los ao sen hor guerra

Eu não queria dever-lhe

O dinheiro por mais tempo

E como eles o não largavam

Veio-me isso ao penssamento

Fico ao menos descansado

Com aquela conta paga

Como lhe disse que pagava logo

De continuo nela pensava

MARIA DOS REIS

Mas não ficaram liquidados

Porque o dinheiro era mais

PINTOR

Pois sim, mas ao outro parceiro

Fiz-lhe outros tratos iguais

E o tal Mateus dos anjos

Ainda não ficou limpo inda não

Ficaram-lhe cincuenta mil reis

Mas aguardando ao fim do verão

MARIA D S RESE

Aguardando ao fim do verão

E tambem ao fim do inverno!

Esses malditos caloteiros

Já deveriam estar no inferno

Recolhem-se aparece Fala so e diz

FALA SO

Os caloteiros no inferno?

Essa bem bonita está

Mas nem de verão nem de inverno

O diabo não os quer lá

O diabo tem boas contas
A quem o serve paga bem
Por isso só quer no inferno
Quem não deva nada a ninguém
Toca a musica aparece o pintor e a
diz o pintor

O fim de verão já passou
estamos fim de seimeteira
Parece que não será asneira
Ve lá que dizes Maria
Sabes o que me Parecia
Escuta que dizer-te vou
Desde que no mundo estou
A toda a gente que me conhece
Ouvi dizer a este rifão
Quem não aparece esquece
A esse respeito então
Parece-me que é melhor
Agora já não faz calor
Nem o frio produz afrontas
Vais a Cereio no domingo
A cobrar aquelas contas
Tu sabes bem quais são
Não sendo assim nada se faz
Apeita com a do São Brás
E as ontras a proporção
O resto de são Brás são
Cinquenta mil reis sonente
Tu não abaixes a frente
Que trate de te pagar
O dinheiro é do santo
Tem obrigação de o dar
MARIA DOS REIS

Do são brás é mais dinheiro
Porque o maldito caloteiro
Que é a nodosa daquela terra
Que foi tão sério nos seus tratos
Que não pagou ao senhor guerra
Assim mo disse há dias
Quando eu estive lá
Não estavas tu por cá
Dizendo-me que ha dias atrás
Viu passar o tal rapaz
Depois de o chamar lhe falou
Porém ele o inssultou
Dizendo-lhe que não devia nada
Uma fera desmascarada
Que bramiu com ira e furor
A voce não lhe devo nada
E outro tanta ao pintor
PINTOR

Pois la do ta l caloteiro
Não conhecia essa bravura
Apura-o la com fartura
Faz-lhe pagar sim senhor
Que o ponha ali á pobinha
Já não faz grande favor
Custou bastantax a ganha-lo
Mas ainda custa mais a cobra-lo
Eu tenho de ir embora

Sairei amanhã para fora
e tu trata dessa cobranç a
Não a percas da lembrança
Arranja-te como poderes
mulher e
Cá com os teus afazeres
Olha lá não ponhas isso em banda
Lá irei eu a Miranda
E pago a conta a senhor guerra
Eu por estar fora da terra ~~nãexxa~~
não me esqueço da vida de cá
Já te disse no domingo vais lá
Que eu tenho de andar por fora
Está o caso combinado
Anda daí vamos embora
Recolhem-se aparece Fala Só e diz
FALA SO

Que enganada anda a gente
Por este mundo de cristo
Que vos parece agora disto
~~Ai~~ Valha-me nosso sen hor
Ai coitado do pintor
Quanto trabalho gastou
Para fazer o concerto
Do tal são brás de Cercio
E bem pouco aproveitou
Vai de cá para lá
E de lá para cá
Ninguém lhe dá dinheiro
Grita que nem um azeiteiro
Sas Maria dos reis vai a cercio
Encontrando-se com Matusdos anjos
junto ao tasco e diz-lhe Maria dos
Reis

Bons dias senhor Mateus
Ora até que enfim
Graças a deus
Há já um grande bocado
Que por si tenh preguntado
MATEUS DOS ANJOS
Pois agora já cá estou
Veja lá então que quer?
MARIA DOS REIS
O senhor já o deve saber
MATEUS DOS ANJOS
Não de certo eu não sei
MARIA DOS ANJOS
Pois então eu lho direi
Mas não se faça esquecido
Porque eu tenho entendido

Para diante e para trás
Que o dinheiro de são Brás
É o senhor quem o deve
Portanto deia-o cá de breve
Cumprirá o seu dever
Pois eu vim para o receber
MATEUS DOS ANJOS
Não devo dinheiro algum

Não tenho nada que dar
 Pelo caminho donde veio
 Pode tornar a voltar
 MARIA DOS REIS
 Você nem diga isso
 Que desonrra esta terra
 Há muito ficou de pagar
 O dinheiro ao senhor guerra
 E agora vem nega-lo
 Dizendo que não deve nada
 Ponha em vista os seus deveres
 Tenha vergonha nessa cara
 Por que lá esses seis vinténs
 Não os paparará como figos
 Voce mostra que não tem vergonha
 Nem cara de grnades amigos
 Retirando-se Mateus dos anjos
 Eu ao guerra nada lhe devo
 E a voce não lhe devo nada
 Não dou o dinheiro de são Brás
 A nenhum filho de mulher honrrada
 Seguindo-o Maria dos reis
 Pois não lhe ficará no bolso
 Garanto-lhe que o ha-de langar
 Já longe) MATEUS DOS ANJOS
 Pois sim embargue-me os machos
 Vá-me mandar obrigar
 Recolhe-se e continua MARIA DOS REIS
 Obrigado vais ser
 É bem certo ó marmanio
 Ha-de chegar o tempo
 Para te tratar do arranjo
 Junto a taberna diz-lhe a taberneira
 Entences senhora maria
 No loHay querido pagar
 MARIA DOS REIS
 É o mesmo ! estes marmenjos
 Há mesinha para os curar
 Os outros foram prodentes
 Liquidaram o seu dinheiro
 Mas há remedio para curar
 Este maldito caloteiro
 TABERNEIRA
 Ay senhora Maria
 Que mui mal la ha tratado
 Nó basta ser mal pagador
 Que tambiem ser mal criado
 MARIA DOS REIS
 Adeus ate outro dia
 Não sei quando será
 A contas com este malandro
 Bem certo não volto cá
 TABERNEIRA
 Adioe senhora Maria
 Dios le de mas dinero
 Do que ha quitado hoy
 Deste maldito calotero
 Separam-se saindo Maria dos reis
 Para Vilar Seco
 FALA SO

Esta vida tão comprida
 Esta maldita cantiga
 Que nada enche a barriga
 Somente atrapalha a vida
 Nunca mais ha-de acabar
 Aonde é que ira parar
 Esse trapalhão rapaz
 Caloteiro de são Braz
 Mas vede a pobre mulher d
 Do nosso pintor coitado
 Que saiu daqui a cercio
 Em busca a daquele desalmado
 Como foi de afortunada
 Dinheiro dele não viu nada
 Depois de trabalhos tantos
 Deve-lhe ficar a boca doce
 Para em Cercio pintar santos
 Toca a musica
 Aparece em cercio o pintor encontran
 do-se com Manuel dos anjos
 e diz o pintor
 Bons dias senhor Mateus
 Como vamos de saude?
 ATEUS DOS ANJOS
 Bem como tem passado
 PINTOR
 Vou indo pelo costume
 MATEUS DOS ANJOS
 Então agora por cá
 PINTOR
 É verdade !
 Por uns dias
 Por aqui será
 Estamos fazendo concerto
 Ao altar do senhor do amparo
 Começamos ontem a obra
 Leva tempo o tal reparo
 Talves ao cabo de dez dias
 Apresente-mos obra pronta
 Já ve que durante esse tempo
 Tem de nos pagar a conta
 E já não é sem tempo
 O senhor prometeu-me no naso
 Quando eu ca vissem, pagar
 Vim ca o trabalho ajustar
 E ate hoje nada recebi
 E por isso hoje que estou aqui
 E demoro ca uns dias
 É forcoso dar-me o dinheiro
 Isso por todas as vias
 Já vai fazer dois anos
 Que lhe pintei o são Braz
 É vergonha não estar liquidado
 E sempre de diante para trás
 MATEUS DOS ANJOS
 Pois veremos nos lá ver
 Eu não tenho dinheiro agora
 Queria vender uma vaca
 Vamos ver se a ponho fora

TOR

Pois veja lá

Lembre-se disso

Que são contas mui atrasadas

MATEUS DOS ANJOS

Pode ser que venda a vaca

Para a f'ira de malhadas

Se a vaca se vender

Talvez se arranjan modo

Veremos la nos haver

Fique em paz atéx logo

SAFA-SE

O pintor segue para o tasco

e Mateus dos anjos para sua casa

E vai dizendo Á parte Mateus dos anjos

O dinheiro de são Bráz

Juro não pode vencer

Por mais vezes que o peças

Nunca o has-de receber

Recolhe-se

FALA SO

As amostras não são más

Não vistes o mordomeiro

Do dinheiro de São Bráz

É um autêntico caloteiro

E pouca diferença lhe faz

Aparece no tasco Mateus dos anjos

Encontrando-se com Maria dos reis

e diz-lhe Mateus dos anjos

Boas noites companhia

E mais a senhora Maria

Está boa?

Vou indole a sua pessoa?

MATEUS DOS ANJOS

Ainda estou melhor do que parece

A senhora não me conhece?

MARIA DOS REIS

Não conheço .. haver se me indeiro

MATEUS DOS ANJOS

Sou o que lhe devo o dinheiro

MARIA DOS REIS

HÁ já sei .. o dinheiro de são Bráz

Se soubesse que falta nos faz

Agente anda atrasada

Com a vida atrapalhada

Olhe que as coisas estão feias

E o dinheiro em mãos alheias

NÃO remedeia a nossa vida

MATEUS DOS ANJOS

Pois sem o ter não o posso dar

sem o tendo poderei pagar

MARIA DOS REIS

Olhe lá senhor Mateus

Falou-se aqui há um bocadinho

Que o senhor vendia vinho

Tanto faz que seja dinheiro

Como coisas que encha a tripa

Precisamos encher uma pipa

É um adágio verdadeiro

Pagar dividas são virtudes

Deia-nos cinco ou seis almudes

Falando as cousas é que se trata

Uma conta outra mata

O senhor paga a sua divida

E nós ~~dixim~~ dirigimos a nossa vida

MATEUS DOS ANJOS

O ano passado vendi algum

Este ano não vendo nada

Para quanto nós colhemos

Gasta-se bem em casa

Adeus até logo que me vou

MARIA DOS REIS

E bem contente que me deixou

Retira-se Mateus dos anjos encontran

do-se com manuel calejo que lhe diz

MANUEL CALEJO

Eu e tu chegamos bem

Queres vir ate o tasco

Se queres vir andacá

MATEUS DOS ANJOS

Do tasco venho eu

MANUEL CALEJO

Não viste o pintor lá

MATEUS DOS ANJOS

Foi a casa ainda não voltou

MANUEL CALEJO

Pois então já há não vou

O outro dia falou-me em ti

Por causa daquele restinho

Podias-lhe vender algum ginho

Que el disse-me que aceitava

E ate a importancia que fosse

Ficar te ia a conta paga

MATEUS DOS ANJOS

Olha lá ó Calejo

O dinheiro não é teu

E o vinho que eu colhi

Quero mas é bebe-lo eu

O pintor tera de aguardar

Eu quando tiver dinheiro

que lhe poderei pagar

Vão caminhando ate ao extremo do tabu

lado e vai dizendo Manuel Calejo

Tu bem sabes que já é tempo

O pintor já aguardou bastante

Já vai completar ~~xxxx~~ dois anos

MATEUS DOS ANJOS

Pois que aguarde o restante

Ainda tem que aguardar

Porque eu sem ter dinheiro

De certo não hei-de pagar

Recolhem-se a porta do tabulado

Aparece Fala So e diz

A pedra dura mal se fura

Assim é o tal Mateus

Só por divina graça

Poderia abranda-lo deus

parece o pintor e a mulher
ora do tasco e diz o

PINTOR

isto esta-me a chatear
e continuo a trabalhar
a vida cada vez pior
valha-me nosso senhor
andar para diante andar para trás
a conta de são Braz
tão ha meio de me vir amão
faz-me doer o coração
O despreso com que sou tratado
Por isso ando desesperado
E sabes o que me lembrou no entanto
Vamos levar com nos o santo
Em se encontrando sem ele
Certo vão á procura dele
E para o voltar a levar
Não lho dou sem mo pagar
Que te parece?

está bem pensado?

MARIA DOS REIS

Está sim !

Acho que está muito bem
Foi um acordo de pori-além

PINTOR

Pois olha

Amanhã vamos embora
Sairemos cedo a boa hora
Quenos não vejam levar o santo
Mas ainda quero no entanto
Falar ao tal mordomeiro
A ver se dá vinho ou dinheiro
Vamos a casa procura-lo
Que agora é fácil encontra-lo

MARIA DOS REIS

Uma vez que estamos cá
Pouco nos pode custar
E se nos der má resposta
Já não devemos estranhar

PINTOR

Pois anda daí comigo

Vamos ver o tal amigo

Que já disse para o obrigar

Teremos muito que gastar

E eu sem gastar um centavo

Quero que me pague pocinha

Ainda que berre o diabo

Chegam a casa dele e diz o pintor

Olá ó senhor Mateus

Aparece a mãe maria Valentina

toda esguardilhada vestida com um saiote

e diz MARIA VALENTINA

Ai!... era o senhor pintor

PINTOR

É verdade somos nos

Se nos que dar de almoçar

Poderemo-lo aceitar

MARIA VALENTINA

Pois olhe andava agora a faze-lo

Se são servidos vamos come-lo

MARIA DOS REIS

Obrigado bom proveito

PINTOR

O senhor Mateus dos anjos

MARIA VALENTINA

Olhe ajuntaram-se a outros marmajos

Exercitaram-se de maneira

Que foi a ribeira de angueira

PINTOR

Pois queria-mos lhe falar

MARIA VALENTINA

Os senhores queriam dinheiro

Mas o tem não o podem dar

E os senhores tem que aguardar

PINTOR

Valha-me deus

Quanto eu tenho aguardado

Com bem pouco resultado

Olhe nem só com dinheiro

É que pode pagar a conta

De-nos pão centeio ou trigo

Castanhas ou até bolotas

Mas que não sejam mamotas

Porque nós tudo aceitamos

MARIA VALENTINA

Pois nada disso nos lhe damos

Aquilo que colhemos bem o gastaloe

PINTOR

Mostre a sua boa vontade

De-nos metade de um toucinho

Ou duas cargas de vinho

MARIA VALENTINA

Vinho agora não pode ser

Porque o nosso está a ferver

Andamos bebendo o do avó

Mas é fraco não val um bilho

Ai pela festa de são Braz

Mais adiante ou mais atrás

Dois ou tres cantaros possolhe dar

Quando muito se lá chegar

PINTOR

Pois bem então adeus

Seja como a senhora quiser

MARIA VALENTINA

Adeus ate nos voltar-mos a ver

Saem e diz o pintor para a mulher

PINTOR

São bicudos como canarios

Estes pulhas saiafrarios

O dinheiro hao-de larga-lo e

E para que o caso assim seja

Vamos lá até a igreja

O santo que vá embrolhado

Tens um pano asseado?

MARIA DOS REIS

Tenho sim bem arecadado

Vamos tirax-lo do altar

E trataremos de o embrolhar
Entram na igreja, benzem-se
e diz o pintor

O Báculo fica cá
A cajata que o santo tem
Lavá-la não nos convem
Porque a poderemos quebrar
E depois o resultado
É termos de a concertar
MARIA DOS REIS

Desce lá o santo depressa
O que estas fazendo então
Aguardas que alguém venha
E nos lance a absolvição
DESCENDO SANTO

PINTOR

O santo é que vai absolvido
Bem contente e satisfeito
Olha que ele está benzido
Não lhe faltes ao respeito
Mete-o no alforge embrolhado
Que vá bem acautelado
Deixo-lhe o báculo na vidraça
E ponho-lhe por chalaça
De papel este linguado
Que escrevi a um bocado
Isto lembrou-me assim

pele o papel diz assim

São Bráz Envergonhado
Por causa de um caloteiro
Fugiu do tal trapaceiro
Bem triste e desconsolado
Por se encontrar empenhado
Com dividas de dois anos

Se ouver alguns fulanos
Que o desejem de o encontrar
Tratem de o ir buscar
O caminho bem o sabeis
Devendo porem levar na mão
Du entos e cinquenta mil reis
Emlaça o apel no báculo coloca este
na vidraça e diz para a mulher
O contrato fica feito

Saiam daqui para fora
Quando se lembrarem do santo
Já nós temos ido embora

MARIA DOS REIS

Vou satisfeita graças a deus
Acompanhada de são Bráz
Hão-de nos ajudar os ceus
E os marmanj os tu veras
Se trata de nos pagar
Ate os ds mais ao-de obrigar
Vão saindo e encontram se
"Com Manuel Jose sapateiro
e diz-lhes Manuel Jose sapateiro
Então já vão embora

PINTOR

Sim senhor acabou-se a obra
MANUEL JOSE SAPATEIRO

Pois eu quero ir ver

Senão não posso dizer
Ainda não vi pronto o galo
E vi de manhã desenha-lo

PINTOR

Nós saíamos de vez
Mas se quer voltamos os tres
Mas olhe sabem o que é
esta-me a troxa a pesar
Vão os dois ver o altar
Como é noite e faz escuro
Acendam vela ou lanterna
Que eu vou indo para a taberna

MARIA DOS REIS

Vamos senhor Manuel Jose
Ver o serviço em conjunto
Foi preciso trabalhar muito
Para chegar-mos a conclusão
Mas ficou com perfeição
Entram e alumiam com uma vela
e diz o Manuel Jose Sapateiro
Sim senhor está bonito
Mesmo o galo é um pimpão
Um trabalho de ileição
Capela e altar tudo novo
Deve ficar a gosto do novo
Vamos lá pois embora
Fico contente com a obra

AO SAIR

A porta fica fechada

MARIA DOS REIS

Fica sim senhor

Tem a fechadura desarranjada
Manuel José Sapateiro
Pois não fica muito bem
Vão saindo

Pode entrar de noite alguém
Mas aqui não ha que roubar
Mais que os santos do altar
Os santos ninguem os quer

Se fosse doisa de comer

Posso dizer com fartura
Que não ficaria mui segura
Chegam junta da taberna e separam se
Entrando Maria dos reis no tasco

Aparece Fala so e diz Fala So

O são Bráz esta empalmado

Mas esta bem arrecadado

Ola Mateus dos anjos

Encomenda-te aos carcanjos

A ver se te dão favor

Mas creio que sá te resta

Pagar o santo ao pintor

Mas trambico ute com esta

Não o mandes trazer cá

Por que a trazer-to não vem

E sem dinheiro não tu dá

Toca a musica aparece junto do

Tasco o pintor a mulher Manuel calaj
e os dois caderneiros

e diz o pintor

São horas de partir embora

Por isso vos digo adeus

Logai por nos aos ceus

Pela nossa viagem boa

Adeus senhora patroa

Adeus senhor Antonio Branco

Desculpem o habalho tanto

Adeus amigo Calejo

Muita saude te desejo

Faberneira

Adios senhor Basilio

E la señora Maria tambem

MANUEL CALEJO ***

Adeus Mil felicidades

E quanto eu vos desejo

E não esqueçais ó calejo

Carregam na egua nns alfrges e

Uns sacos em carga levam junto deles

preso um carneiro

o pintor conduz egua e a mulher

o carneiro e diz

MARIA DOS REIS

Adeus ó gente amiga

Pirmiti-me que vos diga

Que levo saudades de vos

Desculpai-me os encomodos

Que aqui vos causamos nos

E se não voltar-mos por cá

Ide-nos lá a ver vós

Partem para Vila seco

durante o ca inho diz o pintor

Ó maria

Se viessem sobre nós

Qual é que largavas primeiro

O centeio as azeitonas

O santo ou ocarneiro

MARIA DOS REIS

Eu não largaria nada

O que é que havia de largar?

Largarei somente o são brás

Quando me o venham pagar

Chegam a Vilar seco e diz o

PINTOR

Graças a deus e são bras

Chegamos a casa em bem

Já estamos a bontade

E o nosso santinho tambem

Recolhem-se com todo o carregamento

Aparece e diz Fala Só

O são Bras mudou-se de casa

Bem alagre e satisfeito

Ora esteve um chaco bem feito

Todo aquele que não queira pagar

Cura-se desta maneira

De certo lhe ha-de lembrar

Esta lição a vida inteira

Recolhe-se

Aparece em cercio Manuel calejo

Mateus gonçalo joão alfredo e todos

os figurantes de ~~xxxx~~ cercio

e diz Manuel Conçalo

O são brás desapareceu da igreja

Se o não levaram foi-se embora

Creio que o roubou o pintor

Que havemos de fazer agora

Lazáro Fráixo

Ao pintor deviam-lhe dinheiro

Pois havia o santo pintado

E não bastou não o terem dado

Que até já o tinham negado

Por isso se levou o santo

Teria carros de razão

E quem lhe negou o dinheiro

Ou é caloteiro ou ladrão

João alfredo

ha! tu estas a fagor do pintor

Queres talvez erdar-lhe os bens?

Es parente do calejo ~~xxxxxx~~

Bem pouca vergonha tens

Pois olha que não se limpa

Tambem como ele pensau

Ainda se ha-de arrepender

Do santo qus nos roubou

Eu digo que se toque o sino

Para juntar a mocidade

E com toda a brevidade

Vamos juntos a VilarSeco

Este roubo ha-de dar eco

Fazemos-lhe dar o santo

Dinheiro !

Nem preto nem branco

Ali nãoovse paga nada

Quando virem a gente armada

Todos noa daram razão

Ate com medo tremerão

Epor-se ão a resar o terço

E nos valemo-nos da ocasião

Trazendo o santo para Cercio

MATEUS DOS ANJOS

Isso assim não vai bem feito

Ainda que era de direito

Mas palpitou-me na mente

E lembrou-me de repente

O santo não saiu de cá

O santo em cercio está

Nem queria dizer-vos tanto

Ou o tem Manuel calejo

Ou o tem Antonio Branco

Porque são amigos do pintor

Fazem-lhe capa sim senhor

ANTONIO BRANCO -- MATEUS

Que estás dicendõ?

Qui niem te puedo estar oindo

La casa mia es chiquita

A dar-le buelta de siguida

E los tos ojos nó se abrimam

Para los santos que alla estan

MATEUS DOS ANJOS

MATEUS DOS ANJOS

Quem do roubo soubeste
Não poderás negar não
Ó merecias com um cacete
Alhtra te como quem malha um cão
Arrregando o braço
ANTONIO BRANCO

Ó, nó bai a cacete
Cabo com dos punhetas
Quantos estais aqui
Nos roumpo pernas e braços
Chega Manuel calejo e diz para
MATEUS DOS ANJOS

MANUEL CALEJO
Vamos lá a minha casa
Lá lá amigo Mateus
Furo-te a pé de deus
De deus nosso senhor
Não deverias negar ao pintor
O dinheiro de são brás
Sempre diante para tras
O pobre pintor santeiro
A tua pouca vergonha
Chega a negar-lhe o dinheiro

MATEUS DOS ANJOS
Não digas isso cara de mosco
Que nem ao menos te toco

MANUEL CALEJO
A minha cara e a tua
Postas no meio da rua
Onde se vejam bem
Apreciadas por alguem
Com juizo verdadeiro
Notará-lhe grande diferença
Não é cara de caloteiro

MATEUS GONÇALO
Lérias não adubam sopas
Seja o caso como for
O santo levou-o o pintor
Isto dá para uma demanda
Vamos daqui a Miranda
Ao senhor administrador
Dar parte do pintor
Não é coisa que se faça
Tirar o santo da vidraça
E deixar escrito dobrado
Na cajata um papel enlaçado
Que certo o ha-de condenar
Se me quereis a acompanhar
Mordomo da igreja eu sou
E dar parte a Miranda eu vou

JOÃO DE ALFREDO
Pois aguarda aí rapaz
Eu sou mordomo de são braz
O mordomo deste ano
Para que saiba o tal fulano
Que Cercio é terra alheia
Eu contigo dar a parte

Até mete-lo na cadeia
Então vamos embora MATEUS GONÇALO

Que o tempo esta-se a passar
E se aguardamos a noite ~~XXXXXXXXXXXXXXX~~
Não nos querem aturar

Seguem os dois para Miranda e diz para os
companheiros Mateus gonçalo
Lá vamos os dois embora
A deus até a volta

FALA O
E eu vou servindo de escolta
Acompanha-os ate Miranda
JOÃO D; ALFREDO

É melhor entrarmos em casa
Vestir-mos a roupa melhor

Podemos levar uma pinga
Hoje a conta do pintor
Recolhi-me e diz Falasó
Faltaram-me os camaradas
Foram a mudar as farpelas
Eu como so tenho esta
Estou sempre pronto para a guerra
E se eles trouxerem vinhaça

Era o que eu queria melhor
So me puxa por cabaça

Esta dorga do pintor
Toca a musica

Aparece João d, Alfredo e Mateus Gonçalo
vestidos a antiga Mirandesa e calçados de
socos e trazendo cada um a tiracolo uma
borracha de vinho e diz João d, alfredo

Olha lá Mateus Gonçalo
Nos não vamos a cavalo?

Podere-mos embebedar
E se caímos dos burros

Podemos a testa rachar
MATEUS GONÇALO

Vamos já beber um drago
Em honrra de são tiago

Lá vai o sangue de ~~XXXXXX~~ nosso senhor
~~XXXX~~ A saude dpo pintor

Bebem cada um do seu diz FALA SO
Fa as-tes em nosso senhor

Eu tsmbem sou seu parente
Lembraí-vos de mim boa gente

Pois toma lá uma pinga
Á saude de são brás

~~XXXXXX~~ Bebe a vontade rapaz

Seguem os tres para Miranda no caminho
aparece-lhe o diabo que lhe diz

DIABO

Ó cavalheiros muito amigos
Quanto desejo de vos ver

Tinha eu posso dizer

Creio que não me conheceis
Mas eu sou amigo vosso

E e tudo ajudarvos posso
Leio no vosso interior

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

E nunca lhe queirais pagar
Trabalhai com bem cobija
Que ele ha-de pagar a justiça
Este meu palavriado
Vos acreditareis a certa
Porque a terra em que viveis
Ainda não foi descoberta
Lembraí-vos sempre de mim
Que aqui falar-vos vim
Se fizerdes o que vos digo
Terme eis por grande amigo
Mas não haveis de o santo pagar

Escutai ainda mais esta O pintor ha-de dar-vos o santo

E dinheiro para fazer a festa
Eu falovos sem interesse
Bem vedes o meu palavriado
Mateus gongalo

Vemos que es homem honrrado
E muito amigos dos santos ou
Que nos deixaram nossos avos
Sabes o que eu te digo

Anda daí também com nos
DIABO

Eu com vos não posso ir
Hque sou odiado no mundo
So la no reino profundo
É que tenho o meu poder

João B. Alfredo dando-lhe a borracha
Pois uma pinga has-de beber
DIABO

Eu só bebo agua forte
E como cornos de viado
Mas fico-vos muito obrigado
Ide embora a vossa vida
Acrecentai o vosso furor
Mandai prender o pintor
Inventai mil patacanhas
Ponde em acção vossas manhas

Mas o dinheiro não o farguats
De mim não vos esqueceréis
Porque sou um servidor

Que trabalha noite e dia
Nas cavernas do favor

Retira-se
Continuam eles caminhando

e diz atens gongalo
Já deus nos qui ajudar

É tudo em nosso favor
É tudo contra o pintor

Não viste aquele homenzarrão
Negro como um tição

Que tinha boas palavras
FALA SO

A tinha cornos como as cabras
João B. Alfredo

Amigos elegamos a repartição
Do senhor administrador

Vamos beber uma pinga
A conta do pintor

Bebem
FALA SO

Alto ai que o acabeis
Eu ainda quero mais
Chegando lhe a borracha Mateus gongalo
Bebe para ai Fala so
Bebe até emborrachar
Que o pintor ha-de pagar
João de Alfredo

O senhor administrador

A dor nos impede o pranto
Tivemos la um pintor
Tirou-nos da igreja um santo

O pintor ha-de dar-vos o santo

Queremos que seja preso
Sem alguma detenção
Que venha debaixo de prisão
Porque a acção é muito feia
Que nos apresnte o santo
E que fique na cadeia

ADMINISTRADOR

Onde mora o tal fulano

Que levou o santo roubado

MATEUS GONGALO

Basilio pintor é chamado

Rapaz mediano e seco

Residente em Vilar Seco

ADMINISTRADOR

Pois eu vou já ordenar

Que seja preso rapidamente

Aonde que que se encontrar

Voces vão a sua vida

Que o santo e mais o pintor

Virão debaixo de prisão

acorrentados com rigor

João de Alfredo

Isto é o que nos queremos

Senhor administrador

Deus lhe de força e coragem

Para tirar a pele ao pintor

Saem Fala So acompanha-os v'os dancando

e cantando o seguinte

Partimos de Cerceio

Cheios de furor

A participar la do tal pintor

Pintou-nos são bras

Tudo foi gubão

Não deram dinheiro

Voltou a levalo

FALA SO

Olá são bras?

Bebem os dois

As moças de Cercio

Rezam com fervor

A virgem do ceu

A nosso senhor

Que venha são bras

sem dargar dinheiro

É quando deseja o povo inteiro

Nada lhe importa de

De ficar caloteiro

FALA SO

Ola são bras

Bebem os dois

FALA SO

É beber e mais beber

E a mim não me dais nada

Ha pouco passou a rodado

E agora vai do mes o modo

Vos bebeis o vinho todo

E de mim não tendes do

Dai para cá uma ~~pinça~~ pinga

Lembraivos la do Fala so

NATEUS OUIZADO

Bebe la pobre Piato

Pingueiro engraxador

Melhor é bebelo tu

Do que da-lo ao pintor

chegam a cercio onde es a uinda

junto o povo e diz

NATEUS COMPLETO

Fizemos a nossa jornada

Com valentia e valor

Fomos bem atendidos

Pelo senhor administrador

Que trata imediatamente

De mandar prender o pintor

João de alfredo chega-se a

manuel calejo e diz lhc João de alfredo

Ola Manuel calejo!

Já te morde o percevejo

Olha o amigo pintor

Es tanto da sua banda

Se amanha o queros ver

Vai a cadeia a Miranda

MANUEL CALLEJO

So poderei acreditar

Depois de por meus olhos ver

Não me parece que vos tenhaie

Coragem de o prender

NATEUS COMPLETO

Tudo é a nosso favor

E tudo contra o pintor

Quando iamos no caminho

Chegando ao vilarinho

Apareceu-nos um figurão

Negro como um tição

Mas cor tais palavriados

Que nos deixou encantados

Ja sabia do roubo do santo

Se visseis pedi-nos tanto

Que não pagasse-mos ao pintor

Era mesmo da nossa cor

Com justiça e com razão

Tinha a minha opinião

João de alfredo ofereceu-lhe pinça

Mas ele não quiz aceitar

FALA SO

Bebia eu ter por vagar

Ponde-vos todos a mexer

Que são horas de deitar

Surra em todos com a pelota e todos
dissersam recolhendo-se
Toca a musica

Aparece o pintor e a mulher e diz o
pintor

Venho forte na novidade

Que me custa a crer na verdade

Veio aqui o senhor regidor

E apresentou-me um officio

Do senhor administrador

Mandado com toda a urgencia

Veio cedo ca trapelo

Da official de diligencias

Fiquei um tanto confundido

Manda apresentar-me la hoje

Afin de ser ouvido

Ainda sabado me falou

Sem nada de extracrdinário

Pelo que mais admirado estou

MARIA DO CEU

Pois es bem tolo rapaz

Isso é obra dos de cercio

Por causa de são bras

Tambem ja isso me lembrou

Seja la pelo que for

Monte acavalo e lá vou

tem a noite a ceia arranjada

Que devo trazer a foice picada

Caminha para vilioso recolhendo-me

no extremo do tabuado

FALA SO

O são bras estava morto

ai agora resuscitar

Por causa do mordomo

Não querer o dinheiro largar

Mas não vai ser o molho

Feito ao seu paladar

Por que para levarem o santo

Primeiro o hão-de pagar

A ja não é sem tempo

Nem lhe fazem grande favor

Ha muito que o ganhou

O nosso pobre pintor

E eu a nossa saude

Vou4lhe tocar o tambor

Larcha

Volta o pintor a casa e diz para a g

PINTOR

Boa noite como vais Maria?

MARIA DOS REIS

Bem e tu como te foi o dia

PINTOR

Perfeitamente

Por que dei com a minha gente

Maria dos reis

Mas era o caso do santo

PINTOR

Era o santo e outro tanto

Aquela canalha brava
Enviaram contra mim
Um telegrama que era assim
TELEGRAMA
Queria mandar prender
Sem nada se deter
O cidadão Basilio pintor
Mandando-o transpor
Sem nenhuma detenção
Debaixo de prisão
A fronteira deste concelho
Para que serva de espelho
Seja preso em qualquer parte
Na rua ~~em~~ ou em algum comercio
Devido vir acompanhado
Do roubo da igreja de Cercio

Aí ves os grandes malandros
Para que lhes havia de dar
Queriam o santo pintado
E não o queriam pagar

MARIA DOS REIS

E então o resultado
Dessa canalha traidora
PINTOR

Nenhum ! falei toda a verdade
Mandaram-me logo embora
Ja fui a Vale de frades
Ve-á lá o que arrodeei
Portanto da-me de ceiar
Que ainda não ceci
No domingo levei a Miranda
Falar com o senhor administrador
Que me não tenha por gatuno
Pois sou um honrrado pintor

MARIA DOS REIS

Pois vamos então ceiar
Que bastante fome terás
Deus te conserve os amigos
Bendito seja o são bráz
Recolhe-se

FALA SO

Ó glorioso são bráz
E os mais santos dos ceus todos
Condoei-vos do nosso pintor
Salvai-o de todos os modos
Sabeis o que vos quero pedir?

Que perdoeis os seus pecados
Levai-o lá para o ceu
Que vos põe a todos pintados
Aparceus Gonçalo e João de
- diz Mateus Gonçalo
Venho-te dar um recado
Do senhor administrador
Que nos manda ir a Miranda
La por causa do pintor

JOÃO DE ALFREDO

La vou ve-lo a cadeia
Que me vou ~~xxxx~~ encher de rir
Dizer-lhe quatro galhafaz
Que ha-de gostar de as ouvir
MATEUS GONÇALO

Na cadeia... qual cadeia?
De o prender-mos não ha meio
A todos tenho preguntado
Mas para miranda não veio
JOÃO DE ALFREDO

Pois havemos de o atigar
Com todo o nosso furor
E mais e mais entujar o s
O senhor administrador
Quando vamos a Miranda?

MATEUS GONÇALO

Vamos daqui bocado

João de alfredo

Entao virás chamar-me

Que ainda não estou almoçado
Recolhem-se aparece o pintor e a mulh
e diz o pintor

Vou embora ate Miranda

Tu trata da vida por ca

Arranja o jantar com tempo

Que eu venho cedo de lá

MARIA DOS REIS

E se ficas na cadeia?

PINTOR

Para mim não haverá cadeia

Não fazendo crime maior

Ouvindo-me dar-me há razão

O senhor administrador

Preciso ir por malhadas

Que tenho lá que fazer

Por isso abalo cedo

Não tenho tempo a perder

A deus ate a volta

Qu e já me vou de repente

MARIA DOS REIS

A deus ate a volta

Tem conta com essa gente

Separaram-se seguindo o pintor para si

Da pelo lado oposto do tabolado

A entrar ao outro extremo Partem ta

para miranda Mateus Gonçalo e João e

alfredo encontrando-se com o pintor

Junto da administração Voltam a cara

diz-lhe o pintor Olá grandes amigos

Não voltem a cara a gente

João de alfredo

EU não o tinha visto

Vio agora de repente

MATEUS GONÇALO

alfredo

Senhor Basilio como está

PINTOR

Bem e vos como tendes passado

MATEUS GONÇALO

Ambos temos saude

Vamos bem obrigado

PINTOR

Então lá por cercio

O que tendes de novo

JOAO DE ALFREDO

Muito frio e lá no seu povo

NO FRIO ESTAREMOS IGUAIS

Mas temos lá um santo a mais
MATEUS GONÇALO

Pois é o que nós lá não temos

Nós temos um santo a menos

PINTOR

Que extraordinária coincidência

Parece obra da providencia

Olhai lá?

Então a meu respeito

Não tendes por lá nada

JOÃO DE ALFREDO

Temos a gente muito zangada

PINTOR

A gente do vosso povo?

MATEUS GONÇALO

Sim senhor o povo todo

PINTOR

Grande admiração me faz

Por que é?

JOÃO DE ALFREDO

Por causa do são brás

PINTOR

O são brás bem sossegado está

E bem tratado por lá

Se quizerdes em cercio venera-lo

Primeiro haveis de paga-lo

MATEUS GONÇALO

Veremos lá ver como será

Naturalmente o senhor pintor

É que tem de o levar lá

PINTOR

Estou fora do meu concelho

Em terra quasi estrangeira

Ao dispor da autoridade

Submisso ao que ela queira

Não sei como será aqui

Nas tenho visto nos outros concelhos

Que a autoridade não protege

Gatunos nem caloteiros

Por mais que voces se esforcem

E cem vezes me mande prender

Por este crime na cadeia

Não serão capazes de me meter

JOÃO DE ALFREDO

Pois correu lá em cercio

Que foi preso lá em angueira

PINTOR

E aonde me prenderam?

A alguma taberneira

Se mais crime não fizer

Quem me mandar prender

Com os olhos bem arregalados

Certo ficará desolado

Ao ver os laços quebrados

Aparece o senhor administrador

Os de cercio enformentam-no

MATEUS GONÇALO

Bom dia senhor administrador

Como está? como tem passado?

ADMINISTRADOR

Muito bem amigo gonçalo
e o seu camarada?

João de Alfredo

Bem bom senhor administrador

Por hora não me doi nada

PINTOR

Certo me não conhece

Bom dia senhor administrador

ADMINISTRADOR

Conheço sim é o pintor

PINTOR

Sim senhor o tal traidor

Ladrão do santo de cercio

ADMINISTRADOR

Logo que está o pessoal junto

Vamos lá ver o assunto

Entram na administração o administ

dor aponta cadeiras Para os mais s

assentarem ADMINISTRADOR

Vamos ver senhor pintor

Como foi isso arranjado

Para o santo ser roubado?

PINTOR

Foi com toda a facilidade

Eu conto ~~em resumo~~ ~~em resumo~~

Somente a pura verdade

Vai proximo de dois anos

Que na terra destes fulanos

Pintei o são brás

Fazer-lhe uma vidraça

Ajustei por minha desgraça

Como o dinheiro são papeis

Foi contratado o serviço

Por quinhentos e cinquenta mil rei

Pedi sinal adiantado

Recebendo de bom ou de mau grado

Das mãos dos tais moços

Cem mil reis para tramoços

Concluída a obra em seu lugar

Eles deviam me pagar

Mas nem dinheiro nem palavras

Saiam daquelas cabras

Eu precisava da maça

Encontrava-lhe pouca graça

Gastei por lá dois dias

Pedindo o meu dinheiro

E teso como um pinheiro

Por me ver em tal desgraça

Dei entrada em minha casa

Rindo-se eles de chalaça

Rouco como um azeiteiro

De tanto gritar pelo dinheiro

Depois que muitas vezes o pedi

Trezentos mi reis recebi

De vários modos em parcelas

E as tais pessoas aquelas

Ficaram pouco agradecidas

E nada arrependidas

Lá ficou um tal sogeito

Forçado e contrafeito
 Encarregado de pagar
 Para a conta liquidar
 Em resumo
 Somando as contas fieis
 Faltam duzentos e cinquenta mil reis
 É bem pouco dinheiro o total
 Mas negaram-mo afinal
 Vendo-me assim despresado
 Falei em mandar obrigar
 O tal moço do dinheiro
 Mas o astuto caloteiro
 Não se quiz amedrontar
 Dizendo que para o obrigar
 Em selos processos e papeis
 Gastaria quinhentos mil reis
 Escarnecido e envergonhado
 Ao ver-me assim aviltado
 Não fazia senão pensar
 Tirei lhe o santo do altar
 Leveio a minha morada
 Aguardando a chegada
 Do tal moço do dinheiro
 Eis o caso verdadeirô
 Tal qual sem tirar nem pôr
 O senhor administrador
 Veja o exposto a seu modo
 Eu só exijo o dinheiro
 E entrego o santo logo
 Diz para os de cercio
 O ADMINISTRADOR

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
 Vejam lá foi o caso exatamente
 Como contou o senhor ~~XXXXXXXXXXXX~~
 MATEUS GONÇALO
 Foi sim senhor administrador!
 ADMINISTRADOR
 Pois sendo assim desse modo
 A vossa obrigação primeira
 Era pagar o trabalho logo
 MATEUS GONÇALO
 Ó senhor administrador
 Nós não temos o dinheiro
 ADMINISTRADOR
 Vocês conhecem o seu dever
 Não me venham aqui entrujar
 São competentes para pedir o santo
 E não são para pagar
 JOAO DE ALFREDO
 O dinheiro tem-no um rapaz de lá
 Administrador
 Pois que o ponha para ai já
 Quando não...

Dou dele uma participação
 Espremo-o como um bago
 Apeito-o que o esmago
 Não quero ver traficâncias
 Feitas por esses cantos
 Ninguém detenha em seu poder
 O dinheiro que é dos santos

Voltando-se para o pintor
 Vou indicar o caminho
 Prestes atenção portanto
 O senhor manda amanhã
 Conduzir para aqui o santo
 Dirigindo-se aos de cercio
 E vocês depois de amanhã
 Apresentam aqui o dinheiro
 Por este caminho verdadeiro
 Levam o santo para lá
 Para o pintor
 O senhor depois vem cá
 Ou manda buscar o dinheiro
 E se não quer encomodar-se
 Mando-lho para o seu concelho
 Ao senhor administrador
 E em Vimioso o receberá
 Está o caso arrumado
 Podem se ir embora já
 Vai para se retirar Mateus Gonçalo
 Ito pega-lhe pelo casaco e diz lhe
 MATEUS GONÇALO
 Ó senhor administrador
 Isso assim não pode ser
 ADMINISTRADOR
 Está ja tudo resolvido
 Nada mais temos que ver
 Retira-se o administrador na
 frente a seguir os de cercio e
 depois o pintor
 O administrador recolhem-se
 e os de cercio de fora dizem
 para o pintor
 MATEUS GONÇALO
 Ó senhor pintor, isto assim não
 pode ficar
 O senhor leva o santo
 Mas é para o seu altar
 PINTOR
 Vos desconfiais da autoridade
 que desta terra é governo
 que eu levarei o santo ao inferno
 Se a autoridade me ordenar
 Manda porem traze-lo aqui
 Amanha não ha-de faltar
 JOAO DE ALFREDO
 Eu já nem posso parar
 Vamos dar parte a outro lugar
 PINTOR
 Ide lá onde quiserdes
 Vós tornareis a voltar
 Para entreterdes o tempo
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
 Podeis-vos ir passear
 Retira-se chega a casa encontra
 a mulher que lhe diz
 MARIA DOS REIS
 Olá ! já vens tão cedo
 PINTOR
 Por quem havia de aguardar
 Depois de me despachar

Maria dos reis
 Acabaste com a demanda
 Pintor
 Amanhã vai o santo a Miranda
 Maria dos reis
 Para testemunha?
 Pintor
 Qual testemunha
 Para não lhe porem a unha
 Sem largarem a bagalhoça
 O senhor administrador os coça
 E caladinhos nem um pio
 Vamos lá para casa
 Que trago bastante frie
 Recolhem-se
 Voltam para cercio João Alfredo
 e Mateus Gonçalves e vão dizendo
 mas em choroadeira
 Mateus Gonçalves
 Quem diria que o são brás
 Nos não havia de ajudar
 João de Alfredo
 Amim bem me custa rapaz
 Que nos obriguem a pagar
 Mateus Gonçalves
 Prometemos uma promessa
 Que nos valha nosso senhor
 João Alfredo
 Não valem santos nem promessas
 Com este administrador
 Em cercio entram no tasco
 e diz lhe Antonio branco
 Entences
 Señor Basilio ya está preso
 MATEUS GONÇALO
 era boaestá preso
 Esta-nos a olhar com desprezo
 Mateus dos anjos não esteve aqui
 ANTONIO BRANCO
 Nó yo no se lo bi
 Que queriades tratar
 João de Alfredo
 Que tratase de largar
 e não faz grande favor
 O dinheiro de são bras
 Para pagar o pintor
 Mateus Gonçalves
 Vamos embora que são horas
 E tudo se nos vai em demoras
 Saem e logo encontram Mateus dos
 anjos E diz-lhe João Alfredo
 Então tu estavas a qui
 E nós procurando por ti
 Mateus dos anjos
 Então há alguma novidade?
 Mateus Gonçalves
 Ha sim viemos da cidade
 E temos o negocio desarranjado
 O pintor é levado do diabo
 E em resumo ... o primeiro
 É largares o dinheiro

Enquanto isto se dizem se aproximam
 Os de cercio e a um ate se juntarem
 todose diz Mateus dos anjos
 Nem o diabo nem nosso senhor
 Me obrigam a pagar o pintor
 João de Alfredo
 Mas obriga-te o ~~mt~~ administrador
 Olé é ele quem manda
 Só tem dois dias de praso
 A por o dinheiro em Miranda
 Deixas o dinheiro e trazes o santo
 Que ha-de estar na administração
 ATEUS DOS NJOS
 Hei-de eu ir a buscar o santo
 Antes eu queria ser cão
 Lazaro frêixo
 As coisas arranjam-se por bem
 E eu julgo que será melhor
 Ir pelo santo a vilar seco
 Dar-lhe o dinheiro ao ~~mt~~ pintor
 porque se vamos a Miranda
 Reparai lá vede vos
 É uma grande vergonha
 E fazem caçoada de nós
 ATEUS GONÇALO
 Pois o santo de manhã cedo
 Já vai para a administração
 FIRMINO LOBO
 Então vai-se já buscar
 Sem nenhuma detenção
 Os de val de mira ai vem
 Todos a rralhar com nós
 Portanto reparai vos
~~Vede~~ Vede em vossos corações
 Já por todas as povoações
 Nos ~~enchem~~ enchem de trapalhões
 Nos enchem de caloteiros
 e de outras ~~caixas~~ nomes tantas
 Por não pagar-mos os santos
 Mateus dos anjos
 Pois eu dinheiro não tenho
 Nem ao pintor lho dou
 MATEUS GONÇALO
 Larga lá o dinheiro da mão
 E já a questão acabou
 Lazaro feixo
 Tu larga so o dinheiro
 Que o santo vai-se buscar
 Mateus dos anjos
 Eu dinheiro é que não tenho
 Quem mo-lo ha-de emprestar
 Mateus Gonçalves
 Eu te empresto cem mil reis
 É só o que tenho aqui
 Mateus dos anjos recebendo
 Ainda me faltam cinquenta
 Não ha mais algum por aí
 Antonio branco
 Yo te do los cinquenta
 Aum que ya me debes mas

Creio que al poco tempo

Todo me lo pagarás

MATEUS DOS ANJOS

Pois ai tendes o dinheiro

Pois já até já me sua a testa

Tinha intenção de queima-lo

Em foguetes no dia de festa

Entrega o dinheiro a Mateus Gonçalo

e diz Mateus Gonçalo

Vamos buscar o são Brás

Sem nenhuma detenção

Se aguardamos amanhã

Lá vai para a administração

A ver se algum se oferece

Para ir buscar o santo

Eu como fui dar a parte

Agora envergonho-me tanto ...

LÁZARO FREIXO

Mis olha vamos eu e tu

Queés o mordomo da igreja

Vamos e viemos de noite

Sem que ninguém nos veja

Mateus Gonçalo

Pois são dez horas da noite

Não podemos mais demorar

Vamo-nos já montar nas bestas

E pomo-nos já andar

Monda lazaro Freixo uma gementa boa

sem redea, uma manta sobre o

lombo Mateus Gonçalo ma gementa ruim

Nada de aparelhos apenas uma corda ao

cobertos os dois com capas de honrras

Fala ao segae com eles e diz

FALA SO

Agona vamos de viagem

A casa do senhor pintor

Vamos buscar o são Brás

na honrra de nosso senhor

E para que nos leve ao ceu

Vou-lhe tocar o tambor

Marcha entoando

Rum pum, pum

Rum pum pum,

Rum pum, pum

Chegam a casa do pintor

batem a porta e diz Lázaro Freixo

“ O senhor pintor !

Abra a porta por favor

De dentro (pintor)

Quem chama a esta hora?

Lázaro Freixo

Somos nós

PINTOR

Ha! sois vós!

Façam favor de aguardar

Que me vou já levantar

Sai o pintor e a mulher e diz o

PINTOR

Faltam dez para a meia noite

Como veem a esta hora

Lazaro Freixo

É o glorioso são Brás

Que nos trás ~~XXXXXXXXXX~~ por fora

PINTOR

Pois entrem cá para dentro

Trata deles ó Maria

Na rua não se demorem

Que está a noite muito fria

Eu vou tratar das bestas

Que nao estejam arefecer

Vou mete-las na loja

deitar-lhe de comer

Retira-se para detrás do tabolado

MARIA DOS REIS

Entrem cá para dentro

E dirão o que desejam

Ma rua nao estejam

Que o santo perto está

Como Deixem o dinheiro

Levem o santo para lá

Entram os tres vem o pintor e diz

PINTOR

Já fui tratar das bestas

Meus caros amigos velhos

Venho muito arreliado

Roubaram-lhe os aparelhos

Uma queria prende-la

Nem ao menrs tinha corda

Peguei numa inquerrideira

Prendia a argola da porta

pescoço

MATEUS GONÇALO

Por isso não se aflija

Não quebre nisso a cabeça

Trouxenolias desaparelhadas

Porque saímos a pressa

PINTOR

E então com essa pressa

O que vindes aqui fazer

MATEUS GONÇALO

Vemos buscar o são Brás

Para menos vergonha sofrer

PINTOR

Pois logo que voces paguem

Findou a nossa demanda

mas o santo está já pronto

Para ir amanhã a Miranda

Vamos beber uma pinga

Findaram todos os rancores

A saúde do são Brás

E mais dos bons pagadores

Bebem todos Mateus Gonçalo pucha do din

heiro e diz MATEUS GONÇALO

Aqui tem o seu dinheiro

Não se zangue do nosso modo

Que se nós fomos dar parte

Foi por comprazer o nosso povo

Pintor

Ide em paz vós e o santo

Que eu não fico descontente

Já me pagastes a conta
 Todo o resto é-me indiferente
 Bebei mais uma pinga
 Aquecei o interior
 Quero que fiqueis contente
 No nosso amigo pintor
 Já é tarde a esta hora
 Não vos deixo ir embora
 Dormis aqui sossegados
 LAZARO FREIXO
 Não senhor
 Não ficaríamos descansados
 PINTOR
 Então desconfiais de mim?
 LAZARO FREIXO
 Ora não ! não é assim
 Nós saímos fora da hora
 Para não ser-mos vistos fora
 O senhor pintor sopenha
 Que isto é uma vergonha
 É um descredito atrás
 Fazem caçada de nós
 Se nos virem levar o santo
 E logo então portanto
 Viemos de noite
 De noite voltamos
 E um vergunhão poupamos
 O meu cunhado Calejo
 Quando soube estas novas
 Logo disse desta maneira
 Vai-vos fazer umas trovas
 PINTOR
 Nem que seja uma comedia
 Deus sabe o que fazemos nós
 Mas sempre será a meias
 Entrando nelas eu e vós
 lazaro Freixo
 De-noe então cá o santo
 Como o havemos de levar
 PINTOR
 Isso lá vós o direis
 Trazeis em que o embrulhar
 MATEUS GONÇALO
 Esqueceu-nos por sair a pressa
 Ó são Brás nos valha
 PINTOR
 Por iso não se apoquentem
 Dou-lhe um saco e uma toalha
 Embrulham o santo metem-no ao saco
 e diz Mateus gonçalo
 Vamos embora depressa
 Não tem senão desculpar
 Por depois de meia noite
 O vir-mos a encomodar
 Montam a cavalo
 PINTOR
 Vão para casa sossegados
 Eu não reparo outro tanto
 Recomendem-me ao Calejo
 E também ao Antonio Branco

Recolhem-se o pintor e a mulher vão se
 embora Freixo e o Gonçalo Fala so
 acompanha-os e diz

FALA SO

As bestas vão sem albardas
 Ora aqui é que são elas
 Ou o buro dá cabo do espinhaço
 Ou o santo esfola as costelas
 Com tudo lá vai contente
 Olhai o grande pimpão
 Eu vou acompanhando-o
 Cantando o kirie leison
 Kirie laison
 Kirie laison
 Kirie laison
 Chegam a cercio e continua
 Findou a nossa jornada
 Chegamos a povoação
 Acabou a minha tarefa
 De cantar Kirie laison
 Apeiam-se colocam o santo na igreja
 Vão para suas casas recolhem-se no
 lugar que lhe convenha e deixando ficar
 fora Fala So que diz
 Os Fulanos foram-se embora
 Deixando-me na rua encerrado
 Sem me pagarem a geira
 De os haver acompanhado
 As duas horas da madrugada
 Ai valha-me nosso senhor
 Tal me fizeram ~~mi~~ amim
 Como fizeram ao pintor
 Sempre me pregarão um calote
 Ó triste da minha vida
 Findou a nossa função
 Vou vos dar a despedida
 FIM
 Seguem como é de costume trovas de des-
 pedida alusivas ás várias povoações em
 volta